

# Ilustração



A N O  
- 5.º -

Lisboa, 1 de Julho de 1930

PREÇO - 4\$00

Número  
- 109 -

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V  
E  
R  
A  
M  
O  
N

60334604

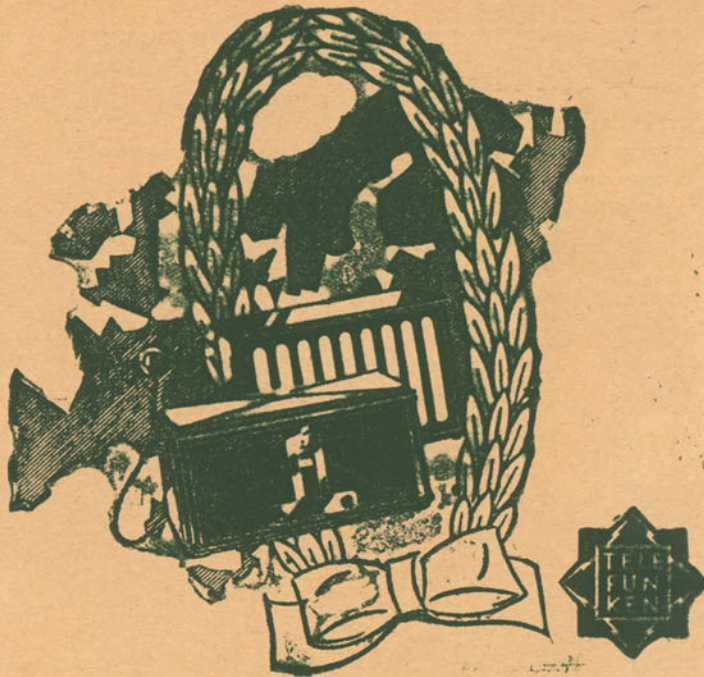


Tubos de  
10 e 20 compr.

*O seu melhor amigo*

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex<sup>a</sup> de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

# RADIO TELEFUNKEN



Um aparelho Telefunken adequado para cada fim

Maravilhosa sonoridade na recepção de emissões longinquoas

— Eis a vantagem dos aparelhos **TELEFUNKEN** —

## Telefunken 40

O receptor europeu com seleccionador de estação

Que recebe qualquer emissor europeu, susceptível de ser ouvido sem antena exterior. A sua simples manobra e o seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente dessiminado.

**Preço Esc. 3.000\$00**

Alto-falante melhor adequado

“Arcophon 5” Preço Esc 650\$00

## Telefunken 31 W

O aparelho receptor de 3 lampadas, de ligação á rede de iluminação, que recebe grande numero de emissores potentes nacionais e estrangeiros sem perturbações e com a melhor tonalidade.

**Preço Esc. 1.200\$00**

A melhor reprodução do seu elevado rendimento obtem-se com o alto-falante **TELEFUNKEN**.

“Arcophon 3” Preço Esc. 420\$00

# TELEFUNKEN

A mais moderna experiencia

A mais moderna construção

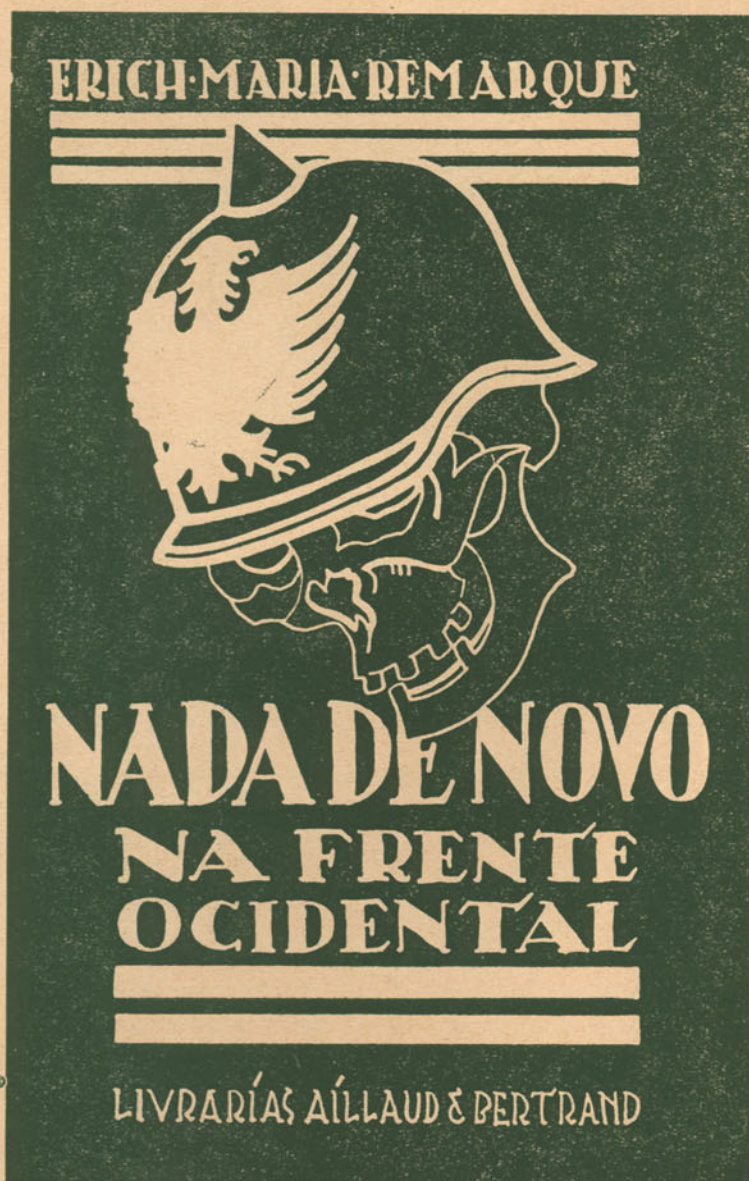
**AEG**

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

A ultima novidade literaria do nosso meio é:



A obra que tem alcançado maiores tiragens  
em todas as linguas do Universo

Um volume brochado, 10\$00

Pedidos ás livrarias AILLAUD E BERTRAND



O pó de arroz  
**ETOILE NOIRE**  
de  
**GELLÉ FRÈRES**  
PARIS  
dá á pele uma beleza e uma  
frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não mascara e deixa na pele o seu perfume unico, persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!  
Experimente-o, minha Senhora.

A'venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS **STETTEN & C<sup>a</sup> L<sup>da</sup>** 118. RUA DA MADALENA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUÍS VEIGA — RUA DAS FLORES, 192, 1.<sup>o</sup>



**Pensamentos lugubres...**

As más digestões habituais, debilidade de estomago, enxaquecas e nauseas, acabam por tornar-nos de humor sombrio.

Para fazer desaparecer esse mau estar e evitar as recaídas, deve-se tomar de manhã e á noite uma colher, das de café, de "Sal de Fructa" ENO, diluido num copo d'agua. A sua acção é sem igual para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo, combater a prisão de ventre, abrir o apetite, e gosar assim serenamente o prazer de viver.

Exigi sempre a marca  
Eno's "Fruit Salt".

**SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"**

Depositarios em Portugal: **ROBINSON, BARDSLEY, & C<sup>a</sup> LTD.**  
8, Caeo do Sodré, LISBOA.



**OLHAR QUE FASCINA**  
com o ondulador **RODAL**  
das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanas. Alongue as suas pestanas com os productos **YILDIZIENNE** da



**ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA**

As mais luxuosas instalações — DIRECTORA: MADAME CAMPOS  
**AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — Peça catálogo gratis**

Os homens  
do amanhã



A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos necessários para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia os seus primeiros passos e que, no emtanto, formam a verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança do amanhã. Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde se encontram as receitas de muitos pratos deliciosos e alimenticios.

**CARLOS DE SA PEREIRA, L.<sup>da</sup>**  
Rua Arco Ban-  
-:- deira, 115 -:-  
LISBOA



**GRATIS**

**MAIZENA DURYEA**

**FLIT**



Mata todos os insectos  
mais depressa.

**FLIT**



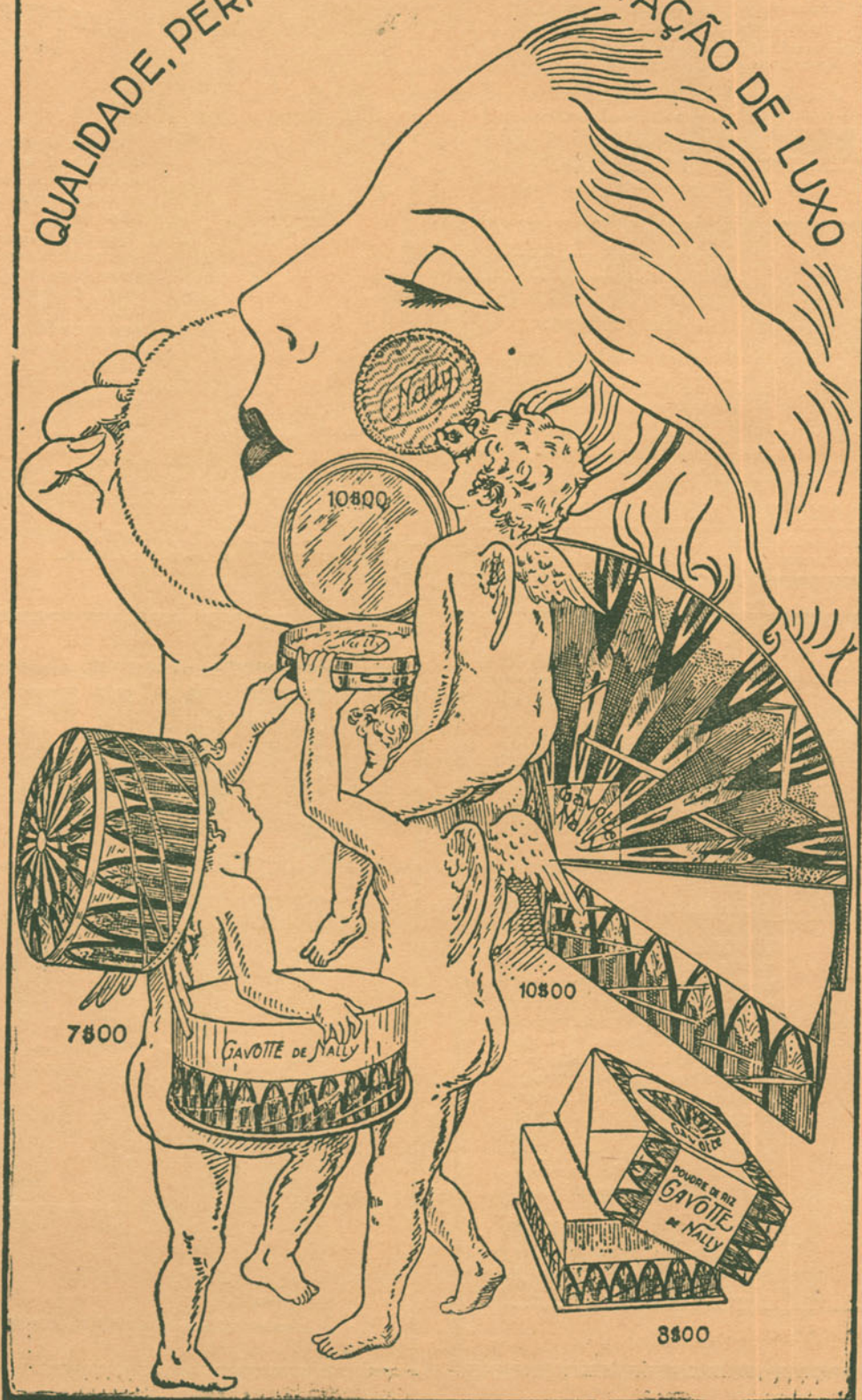
Defendei-vos das  
imitações.

**FLIT**



# Pós d'arrôz GAVOTTE

QUALIDADE, PERFUME E APRESENTAÇÃO DE LUXO



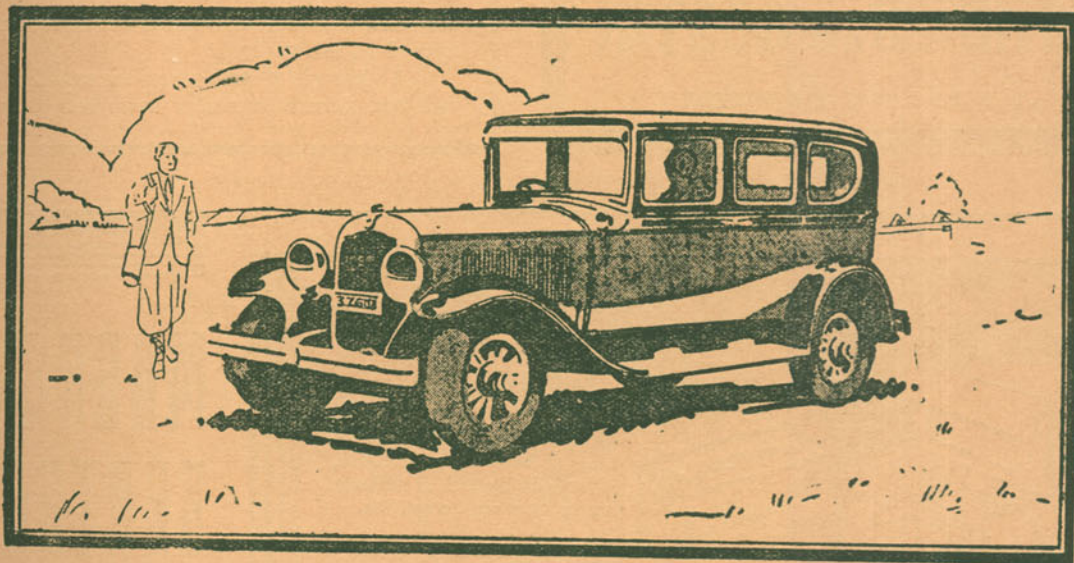
# REO

## POTENCIA SUAVE

V. Exa. ficará gratamente impressionado com a potencia suave e silenciosa do automovel REO "Flying Cloud"

Esta potencia permittir-lhe-ha subir as peores rampas a grande velocidade e passar facilmente por caminhos com ou areia ou lama, aumentando assim o prazer de conduzir um carro

Qualquer que seja o caminho, e mesmo onde não haja caminhos, a potencia do "Flying Cloud" satisfaz de sobra as necessidades da marcha.



\*REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.

AGENTES GERAES  
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

Avenida da Liberdade, 165-171  
LISBOA : - : Telf. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE  
ANTONIO MARQUES DA FONSECA  
194, Rua Augusto Rosa -- PORTO



Para evitar as doenças de rins, calculos, reumatismo, doenças de fígado e da bexiga é necessário usar os

**LITHINÉS de Dr. GUSTIN**

*À venda nas Farmacias*

## VIAGENS ENTRE LISBOA, CINTRA, CASCAIS E ESTORIL

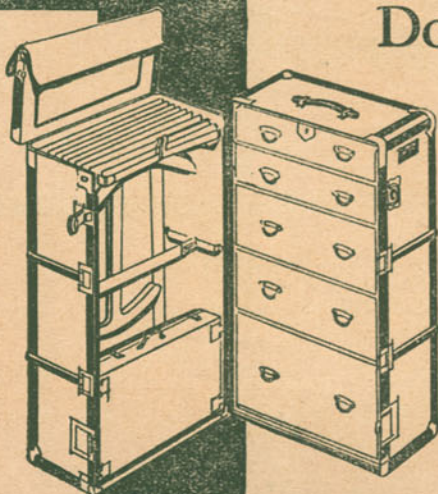
A C. P., a Sociedade "Estoril" e a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs estabeleceram um ótimo serviço combinado que permite percorrer o conhecido triângulo de turismo cujos vertices são Lisboa, Cintra e Cascais.

Com efeito, no dia 5 deste mês serão postos à venda nas estações do Rocio e do Cais do Sodré bilhetes que permitem fazer aquele percurso num ou noutro sentido com demora em Cintra ou Cascais como mais convenha aos passageiros os quais terão apenas que indicar, à partida de Lisboa, qual a carreira de camioneta que desejam utilizar.

O horário destas carreiras está fixado nas estações do caminho de ferro.

**HARTMANN**

## Nas Encruzilhadas Do Mundo



Há uma mala HARTMANN para cada gosto e cada bolsa.

**D**ONDE há viajantes, há malas HARTMANN, ellas distinguem o viajante experimentado do amador.

**A**SUA construção forte, facilidade para empacar, proteção positiva de um guarda-roupa e o proprio lugar para cada requisito do viajante, têm feito as malas HARTMANN a preferencia universal do publico viajante.

*Unicos vendedores ao publico*  
**CASA PALMARES**  
Rua do Ouro, 139-2.º — Lisboa  
Agente Geral para Espanha, Portugal e Marrocos: Manuel Rocafort Ferro, Montera 15-17, Madrid.

**MALAS e BAGAGEM de MÃO**  
**HARTMANN**  
RACINE WIS. U.S.A.

**MAGAZINE  
BERTRAND**

**Saiu  
o  
numero  
de  
Julho**





*As vossas férias!*

Férias!... A época de completa liberdade, de ar livre, cujos dias luminosos, cheios da alegria de viver, de episódios imprevisíveis, de agradáveis incidentes, exigem um «Kodak». Possuindo um «Kodak» obtereis uma indiscutível supremacia, entre os vossos amigos, tornar-vos-heis indispensável em todos os passeios e divertimentos...

## Só sereis moderno usando um “Kodak”

*Mas se desejardes ainda destacar-vos pela vossa elegância, pelo vosso bom gosto, deveis escolher um dos encantadores «Kodaks» em côr, fornecidos nos mais distintos tons da moda, de linhas verdadeiramente correctas e sóbrias, e que, como todos os modelos fabricados pela Companhia Kodak, são inimitáveis em simplicidade de manejo e em qualidade de resultados.*

### Onde adquirir um «Kodak»

Podereis adquirir o vosso «Kodak» e todos os artigos «Kodak», nos estabelecimentos que possuem esta placa — sinal dum serviço cuidadoso.

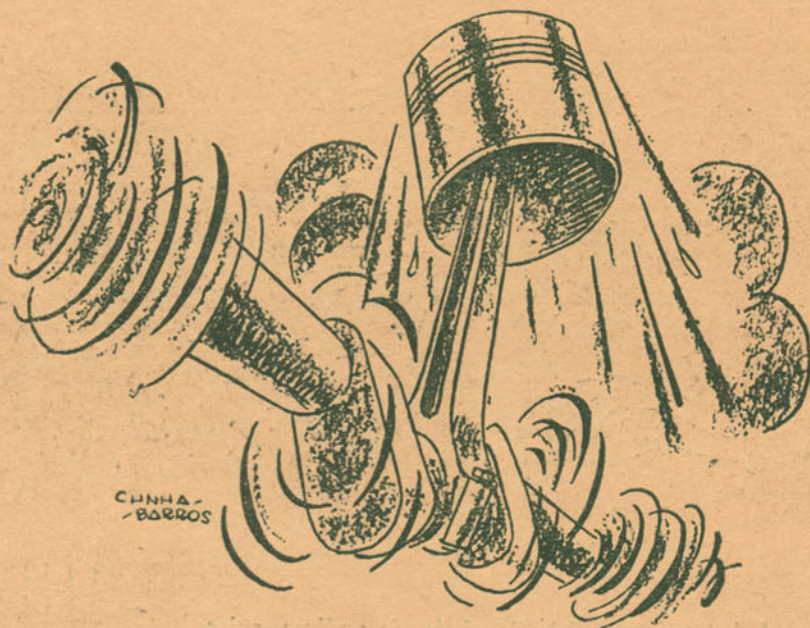


### Como adquirir um «Kodak»

O Sistema «Kodak» de Vendas por Aluguel permite-vos facilmente adquirir o modelo «Kodak» que desejardes com um pequeno dispêndio mensal.

Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa

**Quanto mais rapidamente se movem os embolos mais difícil se torna movê-los.**



É o que acontece nos motores modernos de cilindrada reduzida e nos quais para o desenvolvimento de uma dada potencia, é necessária uma grande compressão e uma velocidade de rotação elevada.

Dai a tremenda fricção nas paredes dos cilindros com um consequente aquecimento brutal que destrua as qualidades lubrificantes de todo e qualquer óleo, cuja fabricação não evoluciona a par das modernas conquistas na tecnica dos motores de automoveis.

Gargoyle Mobiloil, fabricado pela maior Companhia de óleos lubrificantes de todo o mundo, tem acompanhado sempre as exigencias dos motores modernos. É esta a razão pela qual entre 10 carros que há para lubrificar, nos carters de 7 deles só entra Mobiloil.

92 % dos fabricantes de carros americanos aprovam o emprego de GARGOYLE MOBILOIL.



# Mobiloil

*O óleo mundialmente preferido pela sua qualidade*

630

REFINARIAS: OLEAN (N. Y.) — ROCHESTER (N. Y.) — PAULSBORO (N. J.) — BAYONNE (N. J.)

VACUUM OIL COMPANY

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procição)

Telef. T. 871  
EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 109

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:  
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

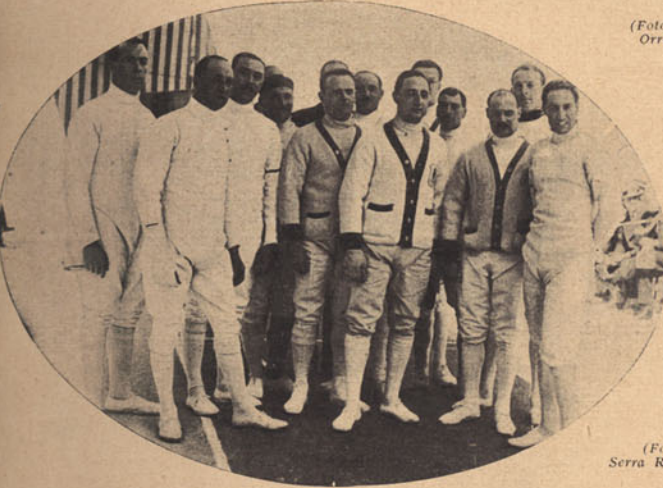
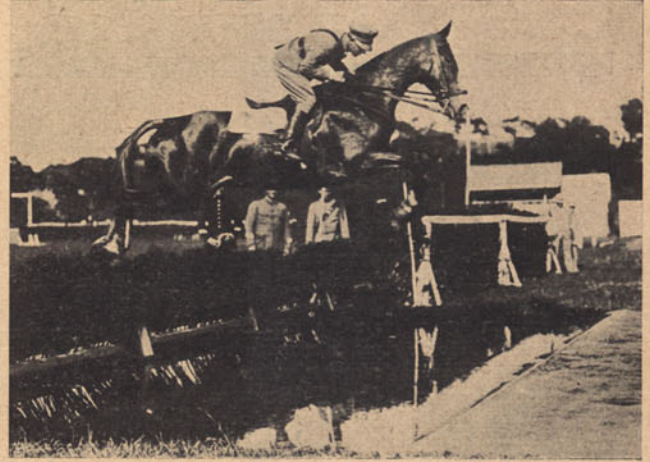
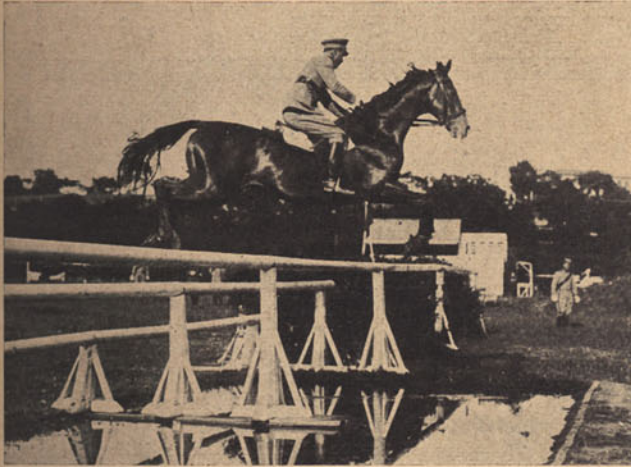
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

TODOS OS ASSUNTOS DE PUBLICIDADE TRATAM-SE EXCLUSIVAMENTE NA RUA ANCHIETA, 25 — TELEF. C. 1084

PROPRIEDADE DE:  
EMPRESA NACIONAL  
DE PUBLICIDADE  
R  
AILLAUD LTD. \*

ADMINISTRAÇÃO  
R. Diário de Notícias, 78  
Telef. : T. 821 a 824

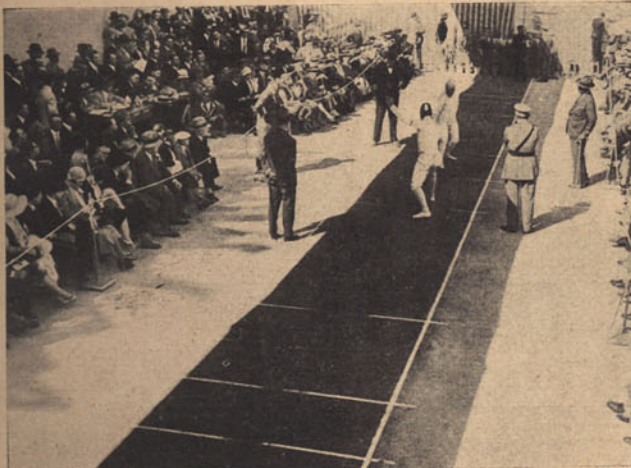
1 DE JULHO DE 1930



(Fotos  
Orrios)



(Fotos  
Serra Ribetto)



PORTUGAL NAS GRANDES PROVAS DESPORTIVAS — Em cima — O capitão Ivens Ferraz, o triunfador do «Grande Prémio», de Madrid, saltando no «Marco Visconti». — O tenente Mena e Silva no «Whisky», no concurso de Madrid. — Ao centro — Os esgrimistas portugueses e franceses que disputaram, no Estoril, o «Portugal-França» em espada. — A equipe de «azes» franceses de esgrima que ganhou aos portugueses por uma diferença mínima. — Em baixo — Um aspecto do rentido assalto Sasseti-Maurice, no Portugal-França. — As mesas do júri e imprensa no campeonato de esgrima no Estoril; no pavilhão, o sr. ministro dos estrangeiros e esposa.



## O RISO AMARGO DAS FOGUEIRAS...

Morreu Junho. O vento apagou a cinza das últimas fogueiras e levou para longe o som derradeiro das violas do S. João.

Nos ouvidos das moças ainda perdura o eco duma confissão de amor velada no símbolo rude duma quadra de improviso.

Mas não só ficou mel, não só ideias boas ficaram dêsse combate lírico dos cantadores. A ironia também ressuma dos cantares do povo. O despeito umas vezes, o ciúme outras, envenena a alma dos poetas e a quadra sai eivada de ironias, aguda como uma flecha.

Dos poetas, disse eu... e não é verdade. Elas, as cantadeiras são mais ferozes nos dizeres, mais profundas no conceito maldoso, mais cruéis nas ironias.

Ora ouçam esta insatisfeita :

*Puz um bochecho na boca,  
Ouvi dois nomes a par;  
Quem diria a S. João  
Que sou má de contentar?*

e como se não bastasse a confissão, diz ainda que os tem de sobra e por isso escolhe :

*Deitei fora os malmequeres  
Quando o meu linho mondci;  
O oiro para ser oiro  
Há-de ter marca de lei...*

...porque :

*Em promessas de rapazes  
Ninguém se pode fiar;  
O fumo da lenha nova  
Põe os olhos a chorar.*

E ela que o diz lá o sabe... Quem sabe mesmo se foi ela que disse :

*Fui para a fonte descalça,  
Piquei-me no cardo bento...  
Ia buscar um alívio  
Trouxe comigo um tormento.*

Sim, porque eles não são bons... E de mais

são chocalheiros, dizem o que não ouvem dizer. Olhem êste garabola :

*Deitaste alecrim no fogo  
Fêz-se dia. Foi pior...  
Já não tens sinal no rosto  
Que eu não saiba de côr.*

que diferente êle é dêste outro que sabe guardar as conveniências :

*As pedras da tua rua  
Fazem bulha quando as piso;  
S. João mandou às pedras  
Que me façam ter juízo.*

Ao que a maldosa responde :

*Fui pedir a S. João  
Juízo para nós dois:  
O teu que venha depressa,  
O meu que venha depois...*

Ele não concorda e, em matéria de loucura, lá tem as suas ideias :

*Serei doído mas não creio  
Que por isso desmereça;  
S. João, que foi um Santo,  
Também perdeu a cabeça...*

Elas é que não acreditam. Conhecem bem o inimigo e, às vezes, dizem-lhe claramente o que pensam :

*O incenso cai nas brasas,  
Cheira logo às Endoenças...  
Mal fitas a minha boca  
Logo vêjo no que pensas...*

E pensa, lá isso pensa, a prova é o que êle

cantou depois de lhe terem entendido os pensamentos :

*Na manhã de S. João  
Faz anos que te bejei;  
Estamos de mal... É tempo  
De ir buscar o que te dei.*

E ela que não lhe restitua a dádiva, senão terá que fazer côro com outra desiludida e cantar :

*Andas farto, já nem olhas,  
Nota bem o que te digo:  
Eu já vi paraís com fome  
Passado o tempo do figo...*

Bem fazem as que podem dizer :

*O meu feixe é de alecrim,  
O teu ramo é de carqueja;  
O teu fica no montado  
O meu entra na igreja...*

Essas é que fazem bem. Nunca terão que repetir esta quadra tão triste :

*Água turva ninguém diga  
Que não a pode beber;  
Se ficar cego de todo  
Há-de bebê-la sem vêr.*

E agora que os leitores sabem que o povo, também é ironista, duas quadras ainda, duas quadras que levem aos desiludidos como eu uma esperança quente como a última fogueira de S. João :

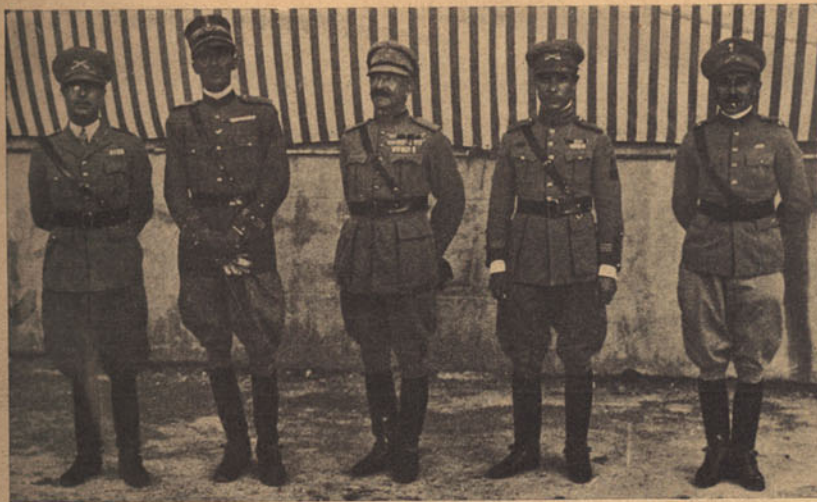
*Ninguém se sinta viúvo,  
Para amores nunca é tarde;  
A lenha nova faz fumo,  
O mato velho é que arde...*

*O cabelo preto e branco  
Não é defeito. Bem vêz  
Nenhuma franga se queixa  
De ter um galo pedrês...*

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

CASTELO DE MORAIS.

# FESTAS HISPANO PORTUGUESAS



Da esquerda para a direita e de cima para baixo — A equipe de oficiais portugueses que disputou o Concurso Hípico de Madrid, ganhando, entre outras provas, o «Grande Prémio». Srs. coronel Manuel Latino, capitães Mousinho e Ivens Ferraz, tenente Mena e Silva e alferes Beltrão

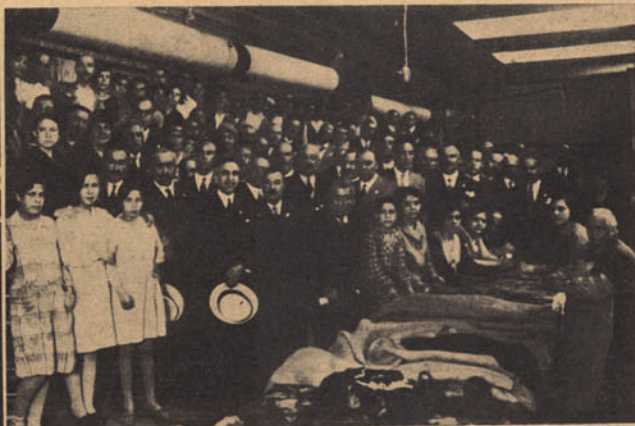
NA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM MADRID — Ofélia de Aragon cantando na festa em honra dos nossos oficiais. No sofá S. A. R. o Infante D. Fernando e à sua esquerda a Senhora Embaixatriz. Um dos salões da Embaixada durante a festa, vendo-se ilustres personalidades como S. A. R. o Infante D. Fernando, a Senhora Embaixatriz, a Sr. Duquesa del Rafal, etc.

A EXCURSÃO DOS LOJISTAS DE LISBOA A MADRID — Os excursionistas no Ayuntamiento de Madrid, com o ilustre embaixador de Portugal, Sr. Melo Barreto, o alcaide de Madrid, Marqués de Hoyos, director da Associação dos Lojistas, etc.

Os excursionistas na visita ao Palácio da Imprensa da capital do visinho reino

Os excursionistas no Círculo Union Mercantil, com os directores daquela colectividade e o nosso ilustre embaixador, que tem à sua direita o ilustre prof. e publicista dr. Cactano Beirão da Veiga, que naquela agremiação proferiu uma conferência notabilíssima

A visita dos lojistas de Lisboa à «Real Fábrica de Tapices», de Madrid, onde foram cordealmente recebidos. (Fotos Orrios especiais para «Ilustração».)



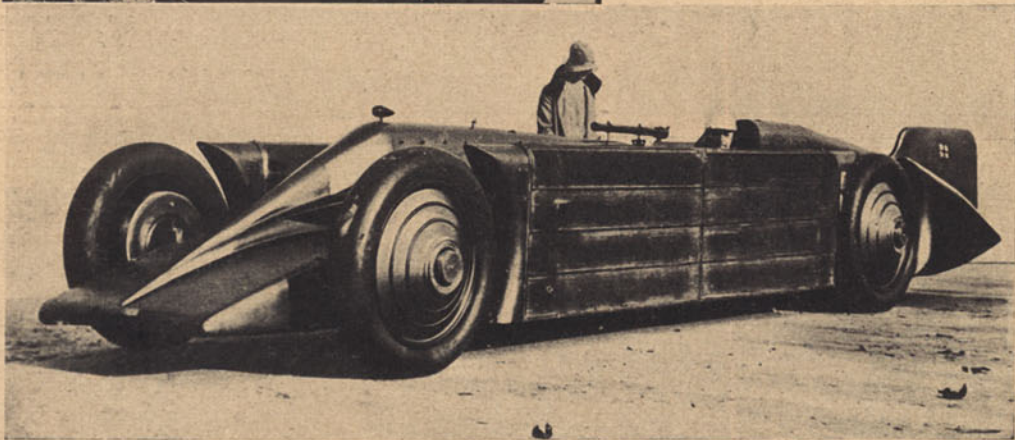


## MUNDO DESPORTIVO

O malogrado desportista H. O. Segrave, que sofreu morte desastrosa quando batia o recorde do mundo de velocidade em barco automóvel. Arquivamos nas nossas páginas três instantâneos do grande corredor, no momento de embarcar (à esquerda), ao chegar ao local das experiências que deviam ter tido trágico desfecho e tripulando o seu célebre «Golden Arrow» (em baixo), na praia de Daytona, quando alcançou 240 milhas de velocidade horária (recorde do mundo).

(Fotos Orrios.)

AO CENTRO — J. Henry Mears, durante anos campeão da volta ao mundo, título que lhe foi tirado pelo Graf Zeppelin e que vai tentar recuperar o título em avião Lockheed lubrificado a Gargoyle Mobiloil Aero H.



O CAMPEONATO MUNDIAL DE BOX — Em cima, Max Schmeling, alemão, triunfador; em baixo, Jack Sharkey que perdeu o título

(Fotos Orrios.)



UMA REVOLUÇÃO NOS TRACTORES AGRÍCOLAS — Realizaram-se há dias em Lisboa colossais experiências com o formidável tractor Latil, sem *chenille*, que efectuou, conduzido pelo conhecido técnico Henrique de Brito e tripulado pelos srs. Alberto e César Pombo, arrojados comerciantes do ramo, proezas magníficas como as que reproduzimos no medalhão de cima e no oval, mostrando-se superior a todos os seus similares para o nosso país

(Fotos Serra Ribeiro)



Casamento aristocrático da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Carlota da Câmara de Saldanha de Oliveira e Sousa (Rio Maior), com o sr. Tomás de Atouguia Ferreira Pinto Basto. Os noivos com os seus padrinhos e convidados, após o enlace



Jaime de Balsemão, um dos nossos mais notáveis colaboradores acaba de pôr à venda *O Livro Pro-fano*, que será o grande êxito literário da época, e de que, noutro lugar, reproduzimos um conto delicioso



O Sr. Ministro da Marinha e outras individualidades da Comissão de Propaganda da Marinha com o eminente prof. Fidélino de Figueiredo quando da sua excelente conferência na Sociedade de Geografia



(FOTOS SERRA RIBEIRO, "ILUSTRACÃO" E SAN PAVO)



Beatriz Arnut, apreciada poetisa cujo último livro *Chorando* marca uma etapa interessante da sua evolução literária



Oliva Guerra, musicista, concertista e poetisa notável, acaba de lançar a público um volume delicioso de prosas de arte, *Evocações*, em que há trechos notabilíssimos



Armando Ribeiro, nosso ilustre colaborador, autor do livro *Gente desaparecida*, que alcançou um êxito de livraria



Dr. Carlos Santos, nosso amigo e colaborador, notável cultor da literatura de viagens, cujo último livro, *Como eu vi a Itália*, é um libelo cheio de coragem moral, escrito com um vigor magnífico e digno, enfim, dum êxito grandioso de leitura, sobre ser um arquivo de documentos saborosíssimos sobre a Itália Imperialista de hoje. O prof. Carlos Santos é o autor de *Como eu vi a Rússia* e *Como eu vi a França*, cujas edições se sucedem e tem em preparação vários outros volumes, dos quais, o primeiro parece ser *Como eu vi a Espanha*, obra ansiosamente esperada

# A SITUAÇÃO NA ROMÊNIA



O rei-menino Miguel da Romênia, com a rainha-mãe Helena da Grécia, príncipe Nicolau, regente e tio do pequeno rei, esperando o ex-rei Carlos, pai do jovem soberano, que regressa à sua pátria inesperadamente



AO CENTRO DA PÁGINA — Carlos da Romênia que, românticamente, tinha abdicado em seu filho Miguel para seguir os impulsos boêmios do seu coração e que acaba de, inesperadamente, voltar à pátria proclamando-se rei. O monarca no momento de receber as aclamações dos seus partidários



AO ALTO, à direita — A rainha Maria, mãe do rei Carlos e avó do pequeno rei temporário Miguel, figura curiosíssima de artista, escritora, argumentista de filmes e poetisa encantadora, cultivando rosas nos jardins de sua irmã, a Infanta Beatriz de Espanha, em Esther, Inglaterra, onde passa os ócios da sua realeza temporal e espiritual



Zizi Lambrino, a primeira grande paixão de Carlos da Romênia e por quem ele trocou o trono de seus pais, no jardim do seu retiro nos arredores de Paris, com o filho ilegítimo do rei romântico

EM BAIXO — Os estudantes romenos, com as suas características bandas de música, nas manifestações em honra do rei Carlos



NO OVAL DE CIMA — A esposa do rei Carlos, Helena da Grécia, adorada pelo povo romeno e com quem o seu errabundo esposo acaba de se reconciliar

NO OVAL DE BAIXO — O actual rei da Romênia quando ainda herdeiro da coroa e refugiado, por amores românticos, em Inglaterra, de onde o governo britânico o convidou a sair

EM BAIXO — Os estudantes de Bucarest com os seus professores, desfilam em protesto de fidelidade ante o rei repêso

(Fotos Orrios excl. de «Ilustrações»)







EM CIMA — Cerimónia da Primeira Comunhão dos alunos do Colégio «Vasco da Gama» em presença de S. E. o Cardinal Patriarca de Lisboa



NO OVAL — Em Madrid — Homagem a Ruperto Chapí. O maestro Villa, regente da Banda Municipal, depois de depositar uma coroa no pedestal do monumento ao insigne artista, enquanto o tenente-alcaide faz o elogio do grande músico espanhol



À DIREITA — O Congresso Feminista de Viena. As delegadas da esquerda para a direita, Mrs. Sigmani (Canadá), Wilson (Canadá), Lady Aberdeen (Inglaterra), presidente do Congresso, e Mrs. Sanford, secretária, a leader indiana Mrs. Patel e um grupo de delegadas da Letónia e Transilvânia vestindo os seus trajes regionais



(Fotos Orrios)



NO MEDALHÃO, à esquerda — O grande rei Alberto da Bélgica presidindo à cerimónia da inauguração do Albert-Kanal, com o seu presidente do Conselho de Ministros Mr. Jaspar. O canal, que liga Antuérpia a Lieja, é uma das mais notáveis obras da engenharia moderna e foi pago com as reparações alemãs

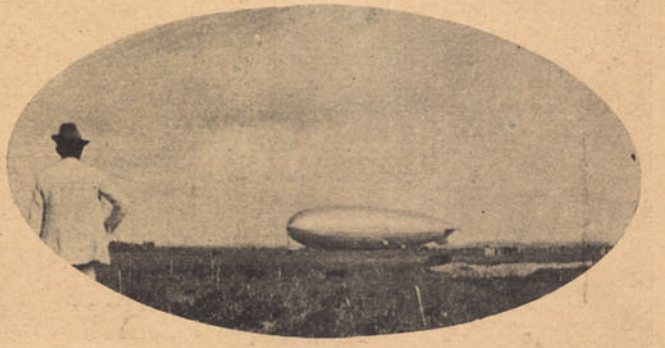
EM CIMA — Alechin, o campeão do mundo do xadrez, jogando em Berlim simultaneamente com 35 xadrezistas notáveis. Ganhou 21 dessas partidas, empatou 9 e perdeu 5

(Fotos Orrios.)

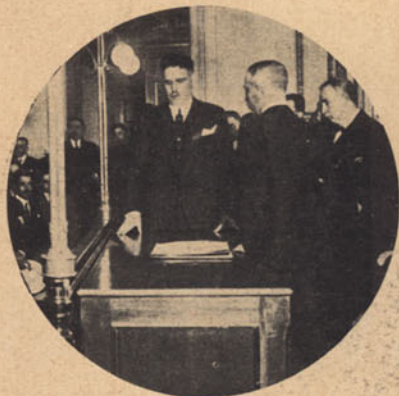


O Graf Zeppelin no Brasil. Passando sobre o Recife

(Fotos gentilmente comunicadas pelo nosso presado assinante L. Fernando Silva, distinto amator)



O Graf Zeppelin amarrado no campo do Jiquiá, no Recife, após a chegada da Europa



**NO MEDALHÃO**—Na Universidade do Porto realizou-se uma sessão de homenagem ao seu ilustre reitor para entrega da Grã-Cruz da Instrução, com que foi agraciado. O prof. Mendes Correia pronunciando o seu discurso.

**EM CIMA, à direita**—Almoço comemorativo da inauguração da «mesa» do pessoal da Contabilidade da Companhia Portuguesa dos Petróleos «Atlantica», nas suas instalações em Cabo Ruivo. Os convivas com o seu director, Sr. Mário Belmar da Costa, André Kestner, chefe da contabilidade, Edward Jones, engenheiro, Pedro Carvalho, gerente das instalações, e Fernando de Figueiredo, sub-chefe da contabilidade, que presidiram à festa.

**NO OVAL, à direita**—Grupo de senhoras e cavalheiros da sociedade elegante do Porto que representam a opereta «O Solar dos Barrigas» a favor do asilo de crianças de São Diniz.

(Fotos Alvaro Martins)



**NO OVAL DA ESQUERDA**—Grupo de gentilíssimas e distintas senhoras de Gaia (Porto) que realizaram um benemerente pedidório em favor da Misericórdia daquela vila, que rendeu avultadas somas pelo excelente acolhimento que teve da parte do público.

(Foto Alvaro Martins)



**NO OVAL DE BAIXO**—Casamento realizado em S. Sebastião da Pedreira, da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Deolinda Baptista Mendes com o Sr. José Octávio Rodrigues Vaz. Os noivos após o enlace.



**A ESQUERDA**—Os despojos fúnebres do grande aviador Oscar Monteiro Torres, trazidos de França em aeroplano, saindo da Câmara Municipal a caminho do cemitério, onde ficaram.

(Fotos «Ilustração»)



Baião



Bairros



Bairros



Baldaia



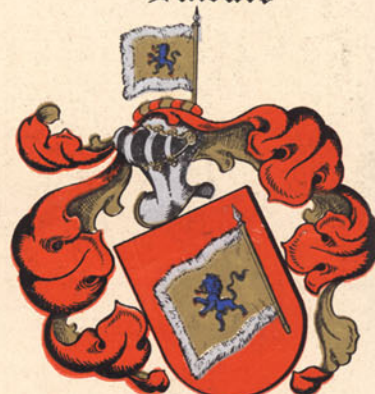
Baleato



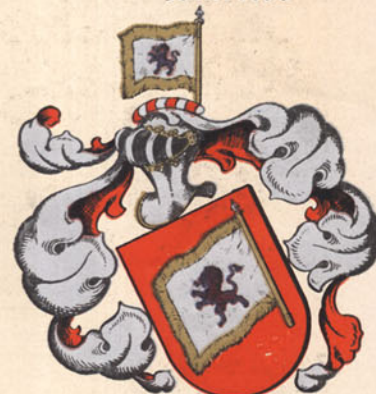
Baleeiro



Balesteiro



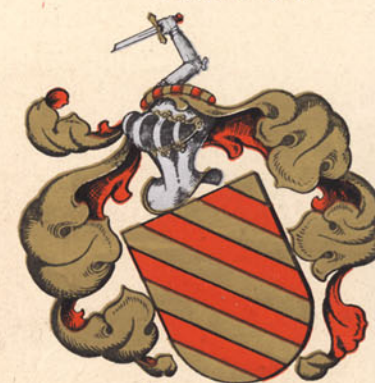
Bandeira



Bandeira



Baracho



Barahona



Barata

# VELHOS E NOVOS UM SALÃO DE INDEPENDENTES

BOTAS DE ELÁSTICO—O ETERNO POENTE, A NATUREZA MORTA E A ESTÁTUA DA MATERNIDADE—COMO SE EXPRESSA UMA OPINIÃO—A HORA DA REVOLTA—OS RETRATOS NÃO DEVEM SER PARECIDOS—CABEÇA DE ÂNGULOS AGUDOS—OS CAMISAS VERMELHAS—O INDEPENDENTE COM PORTA PARA A ESCADA

Havia naquela terra um grupo numeroso de cavalheiros que vestiam como toda a gente, aparavam o bigode como toda a gente, usavam colarinho como toda a gente e botas de elástico, o que causava espanto a toda a gente porque então já toda a gente calçava sapatos sóbrios de trolha larga e achatada como bico de pato marreco.

Não era apenas pelo seu aspecto exterior, banal a mais não poder ser, que este numeroso grupo de cavalheiros irritava um outro não menos numeroso grupo de cavalheiros que, aparentemente, só não se confundiam com os outros por terem pôsto de parte as botas de elástico. Não era apenas por esse motivo de somenos importância que eles se tornavam intoleráveis, mas porque se diziam artistas e, uns, pintavam, compunham música e construíam prédios tão inexpressivos em suas linhas architectónicas como o ferro de engomar do Largo do Intendente, que logrou o prémio Valmor, outros, desenhavam, esculpíam e faziam gravura por forma tal que só não alcançavam o prémio Valmor porque ele não foi instituído quiçá para glorificar as suas habilidades.

Ora, os que usavam botas de elástico e ceroulas até abaixo com fitilho, por vezes desatado, eram considerados os grandes, os verdadeiros artistas não só pela multidão que não sabe distinguir o bom do mau como pelos directores de museus, críticos de arte, comissões municipais de estética, enfim, todo o chamado mundo culto, oficial, quasi legal, que também não sabe distinguir o bom do mau, embora saiba encobrir a sua ignorância e insensibilidade com as frases de que damos sucinta amostra para governo do leitor mal versado na matéria.

Se queremos elogiar um quadro, dizemos: «Interessante, curioso, admirável expressão, planos bem marcados, longes bem dados, interpretação perfeita, cheio de metier.»

Se queremos exagerar as nossas manifestações de agrado, basta-nos elevar estas expressões ao superlativo composto («muito interessante, muito curioso») ou ao superlativo absoluto simples («interessantíssimo, curiosíssimo, interpretação perfectíssima», etc.).

Se, porém, queremos exprimir o nosso desagrado—que atinge quasi sempre quem não nos oferece um quadro, dizemos simplesmente:

«Horroroso, péssima interpretação, sem a

menor noção dos valores, ausência completa de planos, falto de metier», etc.

Naquela terra, quem lograva obter todas as palavras bonitas e elogiosas era os que usavam botas de elástico.

E pouco trabalho tinham para obter tanto entusiasmo dos críticos, dos directores dos museus, dos municípios e da multidão. Se eram pintores, bastava-lhes pintarem poentes vermelhos com uma nuvem de sonho flutuando no horizonte, pedaços amarelos de praia onde se quebrasse uma onda espumosa de curva elegante, retrato de cavalheiro bem nutrido que se distinguisse da fotografia pelo rubicundo da côr; ou então natureza morta, isto é: três cebolas, uma cabeça de alho, uma folha de couve e um taxo de barro, que antigamente custava um pataco, ou uma lebre, que não fôsse gato (um coelho, pelo menos), uma perdiz e um pato bravo, ou ainda quatro carapaus, um besugo e um salmão, ou ainda para despertar o apetite ao comprador uma galinha depenada e pronta a trinchar, junto de um centro de mesa pejado de laranjas e de uma jarra a trasbordar de rosas, malmequeres e cravos. Estes eram, mais pomenor menos pomenor, os assuntos invariáveis desses pintores de fitilhos nas ceroulas.

Os escultores, seus correligionários pouco variavam também. Em gesso, em pedra ou em barro, modelavam «interessantes, muito interessantes assuntos», a saber:

Mulheres nuas espremendo descaradamente os seios (intitulavam-se «Maternidade»); mais mulheres nuas soerguendo uma perna, mãos em concha e rosto voltado para o lado («Pudor»); outras mulheres nuas, ancas largas, ventre amplo, e nas mãos que se crispavam gulosas, cachos de uvas («Fecundidade»); ainda mulheres nuas, estendidas ao comprido, a parte posterior do corpo voltada para o céu, o rosto escondido nas mãos convulsas («Desespêro»), e homens nus e hercúleos em atitude vãdia («Trabalho»).

Os architectos correligionários dos pintores e escultores apresentavam uns papeis geometricamente traçados a branco sobre

fundo azul ou a azul sobre fundo branco, que o público olhava sem se deter nem compreender, murmurando: «curioso, muito curioso»...

Este lamentável estado de cousas (como se diz nos artigos de «fundo») durava há muitos anos e ameaçava eternizar-se.

O grupo rebelde, cujos componentes estavam incompatibilizados com a velha bota de elástico e as ceroulas de fitilho, ergueu protestos contra os eternos poentes, os retratos parecidos, as salsas ondas, os caminhos tristes, as naturezas mortas, os projectos geométricos de architectura e as esculturas simbólicas da Fecundidade. Escreveu manifestos em linguagem bárbara, que provocaram náuseas aos gramáticos severos e aos amadores de estilo suave, e, após alguns anos de gritaria ensurdecadora e gestos ameaçadores, resolveu enfim mostrar as suas habilidades, provando que há muito que pintar para além dos poentes românticos, das maçãs reinetas ou das lulas de caldeirada, mais que esculpir para além das Maternidades, e projectos architectónicos mais belos do que os prédios estilo Grandela ou casa minhota. E fez uma grande exposição que, por ser totalmente oposta aos burguesismos dos botas de elástico, classificou de independente.

Foi então nas hostes rebeldes uma febre alta de trabalho. Desentranharam-se uns em desenhos esquisitos, outros em pinturas estranhas, outros ainda em esculturas estilizadas, estátuas de cuho excêntrico e projectos de architectura grandiosa.

No mesmo ponto do salão onde pouco tempo antes um artista burguês colocara, ante o olhar maravilhado do espectador sedento de exactidão, o retrato de «Mademoiselle X», muito parecido com o original, postara um independente um retrato de menina, admirável por não se parecer com a retratada; onde o pintor Dôce expuzera uma paisagem bucólica, toda verdura, salpicada de flores, com boisinhos vagarosos pastando, dependurava um independente chegado ofegante da Alemanha um viaduto sobre uma avenida e sobre o viaduto um comboio de brincar, um comboio de lata, estilo dadaista. Júlio das Farturas, que tem réclamo feito, apresentou as telas que formam o «decor» célebre das suas barracas de feira, pairando mesmo na atmosfera, junto das telas, um perturbante cheiro ao famoso petisco. Havia uma cabeça modelada em barro toda forma-



da de ângulos agudos; e uma série de agualas alemãs feitas por mão portuguesa; um projecto de hotel português todo em estilo alenão e uma maquete de liceu cujos alunos deverão passar o melhor do seu tempo no telhado, como os pássaros, os gatos e os limpa-chaminés.

E além disso muitos desenhos de Picasso firmados por nomes lusos independentes... Vimos por lá uma confusão de estrelas, caras e meias luas, que foi composição moderna há alguns anos bem contados. Topava-se de quando em vez com um grupo de meninos de braços torcidos como serpentes, estilo lagartixa, que também já foi moderno, ao lado de retratos à bota de elástico muito parecidos com o modelo...

E através do I Salão dos Independentes, que naquela terra se realizou, passavam às vezes uns sujeitos arrogantes, em mangas de camisa vermelha, batendo os tacões, gesticulando, para que sobre eles recaísse toda a atenção que mereciam as obras expostas.

Que queria aquilo dizer? Que faziam ali aqueles homens em mangas de camisa vermelha? Eram expositores ou expostos? Iam àquele salão para nos mostrarem obra sua



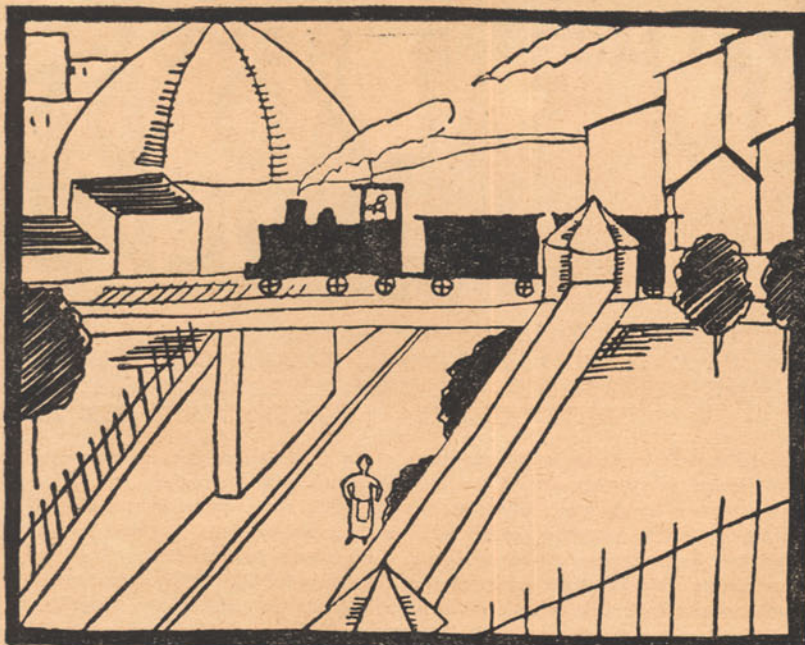
ou para se mostrarem? Seria a camisa berante que envergavam a sua grande e definitiva obra de pintura?

Eram dois independentes, segredavam-nos com mistério. E a pessoa que tal nos dizia, sorrindo ante o nosso espanto de burguês, murmurava-nos docemente:

— Deixe essas futilidades, essas loucuras; venha vêr os meus quadros que estão à parte, no primeiro andar.

Acompanhamo-lo ao piso superior e, enquanto subíamos, comentávamos muito no íntimo, não nos adivinhasse o pintor a irreverência:

— Este é um independente com porta para a escada.



Em cima o ambiente era outro: mais sossegado, mais luxuoso, luz branda e própria aos bons artistas. O artista, de uma modéstia inegalável e de uma delicadeza invulgar, dispensa-nos o trabalho de estudar a sua obra e de sobre ela formarmos opinião. Ele próprio tudo aponta e esclarece.

Estávamos em presença de uma grande tela, tão grande que não caberia na casa modesta do visitante. Era... chamemos-lhe assim: uma tela equestre.

Um cavalheiro—ou se quiserem—um cavaleiro, em rigoroso traje de «jockey», montava um cavalo de raça, tudo em tamanho natural, com cores naturais, formas naturais, proporções naturais e naturais perspectivas. O ideal do réclamo para as máquinas fotográficas «kodak».

Entretanto, apesar da exactidão aparente, tivemos a suspeita—apenas a suspeita—de que o cavalo era grande demais.

Mas o ilustre pintor logo nos desfez essa má impressão.

— Qual grande demais! — atalhou ele quasi paternal. — Depois de acabado o quadro, medidos o cavalo pintado pelo modelo, não faziam diferença de um centímetro sequer.

Quedamos maravilhados, assombrados. Outros quadros daquele independente, mais do que independente, isolado, passaram ante os nossos olhos.

Aqui uma senhora, corpo inteiro, traje de baile, tamanho natural—era tudo em tamanho natural;—ali dois velhinhos, lado a lado, bem conservados, ar de pessoas que atravessaram longos anos de vida conjugal sem dificuldades de dinheiro; acolá uma mamã, uma menina e um urso de pano, um urso muito parecido com um urso, o que nos levava a deprender que as retratadas também deviam ter ficado muito bem; mais além um cavalheiro, trajando à inglesa olhando para nós intencionalmente, como se nos quizesse dizer: «Como veem mando fazer o meu retrato a artistas de fama».

Despedimo-nos encantados. Descemos a

escada do artista independente e tornamos ao grande salão onde se misturavam os outros independentes sem independência de sala.

A um dos que expunha no salão comum dissemos cheios de respeito, aludindo ao solitário do primeiro piso:

— Aquele rapaz tem umas telas espantosas. Honra o salão dos independentes.

Presentimos que disseramos asneira ante o olhar tórvo que o independente de baixo nos lançava ao escutar a nossa leviana referência ao independente de cima.

— A exposição desse rapaz é independente da nossa— elucidou ele.

— Ah, compreendemos— gaguejamos, numa evasiva— é bota-de-elástico, um independente do Salão dos Independentes...

— Nem vem no nosso catálogo— rematou o independente de baixo, lançando para cima, para o local onde se expunham retratos de banqueiros, aristocratas e burgueses que pagam bem os quadros um olhar rancoroso de independente que, aliás, como a maioria dos seus companheiros, não consegue fazer-se compreender nem comprar pelas pessoas de dinheiro.

MÁRIO DOMINGUES.





# A dança dos corações

O meu coração baila sempre. Quando está junto do teu, então é que êle baila bem!

Veem as horas de calma, de ternura e os dois juntinhos, muito vermelhos e lindos, dançam, dançam, docemente embalados, em ritmos suaves, ao som da música divina dos beijos de amor sem pecado.

Depois, nas horas más, êles dançam torturados, sofrem, teem crispações de dôr, quasi gotejam sangue, mas lá continuam dançando, bailando sempre, muito juntinhos, a par!

Um dia, um outro coração, muito negro, muito mau, quis roubar o par do meu!

O pobresinho, sem fôrças quasi cheio de dôr e de amargura, foi devagarinho, dançando a medo, procurar o teu coração.

Não o encontrou. Alguém o tinha levado já!

Então começou na minha vida, no palco em ruínas do meu peito, um bailado

torturado e febril, infernal, desesperado, em que o meu coração, doido de dôr, procurava conquistar outra vez aquele que um dia um outro, muito negro, muito mau, tinha levado consigo.

Dias, semanas, meses, foram decorrendo e o meu coração bailava sempre, mas sem fôrças, sem alegria.

Nosso Senhor, ao vê-lo assim tão triste e sôsinho, chamou o teu e disse-lhe: — «Na vida há sempre dois corações que eu fiz um para o outro. Mas como o mundo é grande às vezes êles não se chegam a encontrar.

Para que abandonaste o par do teu, se era aquele que eu tinha feito para ti?

Anda vai, vai buscá-lo, vê se o guardas bem... não o deixes nunca fugir...»

Milagre de Nosso Senhor!

O teu coração vem bailando, outra vez, buscar o meu!

E, desde então, pela vida fora, êles dançam, dançam sempre, muito vermelhos e lindos, muito juntinhos a par!

IGNEZ.





# TABOEA DÉCIMA QUARTA

**BAIAO** — Em campo de oiro duas cabras de negro, gotadas de oiro e passantes uma sôbre a outra.

**TIMBRE** — Uma cabra do escudo.

*D'or à deux chèvres de sable, gouttées du champ, passant l'une dessus de l'autre.*

**CIMIER** — Une chèvre de l'écu.

**BAIROS** — Em campo de oiro três troncos esgalhados de sua côr, soltos e postos em três bandas.

**TIMBRE** — Os 3 troncos do escudo, enfeixados e atados de oiro.

*D'or, à trois troncs écotés au naturel, alésés, et posés en trois bandes.*

**CIMIER** — Les trois écots de l'écu, empoignés et liés d'or.

**BAIRRO** (de FRANCISCO DE BAIROS) — Em campo vermelho três bandas de prata sôbre o campo, 9 estrêlas de 8 pontas de oiro, 1, 3, 3, e 2; chefe de oiro, carregado de um leopardo azul, coroado e lampassado de vermelho.

**TIMBRE** — Um leopardo rampante de azul, sustentando nas garras uma bandeira de prata, hasteada do mesmo, com uma aspa de vermelho, carregada de 5 estrêlas do escudo.

*De gueules, à 3 bandes d'argent, sur le champ 9 étoiles à huit rais d'or, posées 1, 3, 3 et 2; au chef du même, chargé d'un léopard d'azur, lampassé et couronné de gueules.*

**CIMIER** — Un léopard-lionné d'azur, tenant de ses mains un drapeau d'argent, fûté du même, au sautoir de gueules chargé de 5 étoiles de l'écu.

**BALDAIA** — Em campo de prata 4 rosas de vermelho com pés e fôlhas de verde, acantonadas, e uma flor de liz de azul ao meio do escudo.

**TIMBRE** — Uma rosa do escudo.

*D'argent, à 4 roses de gueules, tigées et feuillées de sinople, cantonnées, et une fleur-de-lis d'azur mise en cœur.*

**CIMIER** — Une rose de l'écu.

**BALEATO** — Em campo de prata uma tôrre de azul ladeada de dois venábulos de negro com hastes de verde, a tôrre sainte de um mar de sua côr onde nadam 3 peixes de prata.

*D'argent, à une tour d'azur acostée de deux javelots de sable fûtés de sinople, la tour issant d'une mer au naturel où nagent trois poissons d'argent.*

**BALEEIRO** — Em campo azul uma banda de oiro carregada de 3 rosas de vermelho, ladeada de duas cotas de armas de prata, ponta ondada de preto e azul.

**TIMBRE** — Um baleato de sua côr, sainte, mordendo um ramo de oiro com 3 rosas de vermelho.

*D'azur, à la bande d'or chargée de 3 roses de gueules, côtoyée de deux hauberts d'argent, à une mer d'argent et d'azur en pointe.*

**CIMIER** — Un baleiseau issant au naturel, mordant une branche de rosier d'or à trois roses de gueules.

**BALESTEIRO** — Em campo azul um castelo rematado por 3 tôrres de oiro sôbre um monte negro, e acompanhado em chefe por 3 bêstas de oiro, a do meio em pala, as dos lados em faxa e adossadas.

*D'azur, à un chateau donjonné de 3 pièces d'or, sur un mont de sable, le chateau accompagné en chef de 3 arbalètes d'or, celle du milieu posée en pal, les deux autres posées en fasce et adossées.*

**BANDEIRA** (GONÇALO PIRES) — Em campo vermelho, uma bandeira de oiro franjada de prata, carregada de um leão de azul, armado e lampassado de vermelho, a haste de oiro guarnecida de prata.

**TIMBRE** — A bandeira do escudo.

*De gueules, à un drapeau d'or, frangé d'argent, chargé d'un lion d'azur, armé et lampassé de gueules, le drapeau fûté d'or et le fût garni d'argent.*

**CIMIER** — Le drapeau de l'écu.

**BANDEIRA** (DESCENDENTES DE GONÇALO PIRES) — Em campo vermelho uma bandeira de prata bordada de oiro carregada de um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho, e a haste de oiro guarnecida de prata.

**TIMBRE** — A bandeira do escudo.

*De gueules, à un drapeau d'argent bordé d'or, chargé d'un lion de pourpre armé et lampassé de gueules, le drapeau fûté d'or et le fût garni d'argent.*

**CIMIER** — Le drapeau de l'écu.

**BARACHO** — Em campo vermelho um leão de oiro, armado de prata, cantonado de 4 pombas do mesmo, voantes.

**TIMBRE** — O leão do escudo.

*De gueules, au lion d'or armé d'argent, cantonné de 4 colombes essorées du même.*

**CIMIER** — Le lion de l'écu.

**BARAHONA** — Em campo de oiro 4 bandas de vermelho.

**TIMBRE** — Um braço armado de prata, com espada do mesmo quebrada pelo meio, guarnecida de oiro e empunhada de vermelho.

*D'or, à bandes de gueules.*

**CIMIER** — Un dextrochère armé d'argent, tenant une épée du même, brisée à moitié garnie d'or, la poignée de gueules.

**BARATA** — Em campo negro, com 3 mãos direitas de oiro espalmadas.

**TIMBRE** — Uma das mãos do escudo.

*De sable, à trois mains dextres d'or, appaumées.*

**CIMIER** — Une main de l'écu.





Renato, o Grande, entrara na augusta

cidade de Ulia. O estrépito das suas campanhas ecoava desde as praias do ocidente às montanhas nevadas donde descera um dia certo profeta que proclamara às turbas o advento do novo príncipe da casa real de Olaia, «justo, sábio e forte como Salomão».

De tóda a parte, da nebulosa Escandinávia, da Ibéria ardente, vinham aventureiros atraídos pela fama do conquistador. A glória de Renato subia a maior altura do que o clamor das quinhentas trombetas de prata que proclamaram a sua coroação. Seguia-o uma côrte pecaminosa de poetas, astrólogos e bôbos, que sabia de côr os versos eróticos de Tibulo e as páginas rubras de Boccácio. Em beijos gastava o valor das províncias; e do alto do púlpito o clero incensava-o com os epítetos dos profetas.

Depois da implacável conquista de Lissânia, trémulas de pavor, as cidades

entregavam-se sem combate. Renato barbaramente afogava em sangue tóda a resistência, mas sabia ser magnânimo com os que

não esboçavam defesa. Não era cruel por maldade como seu avô Roberto — O Doido — apenas porque se julgava eleito de Deus para

erguer um império mais vasto que todos os impérios doutróra.

Enchia as cidades de architecturas monumentais; e nas horas de clemência distribuía às multidões famintas pão e vinho em abundância. Por isso, quando passava a cavalo em frente dos seus homens, erecto e firme sob o capacete de ouro onde flamejava uma águia tricéfala, o povo que o enchera de maldições, ajoelha va aclamando-o como pai benévolo e protector. Não resavam as crónicas de príncipe mais esplendoroso: o seu guarda-roupa tinha a insolência dum tesouro; e diante da sua vontade curvavam-se as energias mais fortes. Só a castidade austera da Duquesa do Atlântico ousara resistir, pagando com o exílio o incorruptível amor à virtude. Renato tinha bem gravada na memória a lição de sua mãe, a estridente Duquesa Helena Clementina — a que desterrou o





erudito bispo de Isfália porque não havia celebrado condignamente, num poema latino, sua fresca beleza mitológica. Dissera-lhe à hora da morte: «filho, para mostrares a tua magnanimidade, necessária aos que governam, podes uma vez por outra, raramente, perdoar as afrontas que te fizerem como príncipe, mas não perdões nunca as ofensas que te fizerem como homem, porque isso diminuiria teu prestígio de senhor.»

II

Do alto da *Torre Oblonga*, que a tradição dizia levantada por Júlio César, a voz do arauto, metálica e firme, lançava a espaços o pregão de triunfo: — «Glória a Renato, o Grande, príncipe de Kárcia, Senhor de Olaia!»

Das torres fronteiras os outros arautos respondiam, alongando a proclamação pelos vales e pelos montes: — «Glória! Glória! Glória!»

Enquanto o exército repousava extenuado pelas marchas, e ébrio de triunfo e vinho, Renato inteirava-se com

o príncipe deu alguns passos lentos e sacudiu-o com violência:

— Mentel!

— Senhor, quantas vezes vos menti? Há tantos anos que vos sirvo!

Renato, um instante arrependido, consou-o numa ternura grave:

— Tens razão, meu velho. Perdôa... custa muito...

E, com rancôr, perguntou babujando:

— Onde está êle?

O Dião não sabia. Vira-o partir uma tarde, num navio que passára carregado de vinho, para as cidades da Hansa havia já três meses. A rainha não escondera as lágrimas de saúde. Ficava os dias no terraço olhando os

gar ao primeiro aventureiro? Que superioridade teria êsse soldado de fortuna?!

Era a primeira rainha de Olaia que se prostitua; e isto tornava-se-lhe mais doloroso. Nenhuma havia tido um ar mais puro do que a sua Clotilde — tão doce, que servira de modelo para uma santa Cecília enternecida e casta, a mestre Nicolau, o «Pintor dos Anjos», que nunca beijára corpo de mulher, Renato sentia ainda vaidade ao recordar o encanto da sua figura de *donna angelicata*, que os poetas comparavam às flores mais puras, à açucena e à «edelweiss», a flor dos glaciares. Monsenhor Travessi, decano do Colégio Real, vendo-a entre as mulheres suntuosas da corte de Olaia, dissera com a galan-



taria dos italianos, que lhe lembrava «uma rosa branca num canteiro de tulipas côr de fogo». Seus olhos azuis tinham a limpidez dos rios nascidos nas regiões das neves, e as mãos enfermeiras erguiam-se para o céu como duas orações. Nunca por ela passara alma aflita ou boca esfomeada que o seu coração não derramasse longa piedade.

Renato não percebia que a adúltera pudesse conservar o riso ingénuo de menina; agora, parecia-lhe troça o recatado pudôr nas horas de maior intimidade mesmo três anos após o casamento. Quantas vezes tinha julgado que naquele esbelto corpo não roçara, sequer, a asa dum desejo!

Distraído, considerou momentaneamente a luz dum brandão que delirava na agonia. De novo, porém, se lhe concentrou no coração toda a amargura do Universo. Ocorreu-lhe uma tarde distante em que, ao regressar duma montaria aos ursos, lhe apresentaram, lívido de pavor, um eguariço que matára à facada a mulher adúltera com um rico mercador da rua dos ourives. Diante de toda a corte dissera então: — «Fizeste o teu dever. Podia lá admitir que um servidor meu, mesmo um eguariço, deixasse impune uma afronta destas! Todo o homem justo e forte deve lavar com sangue, por suas mãos, a deshonra e a traição.»

E nessa tarde, com atônito espanto dos áulicos, sentára o fâmulô à sua mesa entre Sua Eminência o Cardeal Valentino e o Grande Senescal do Reino. Essas palavras severas caíram-lhe no peito como punhaladas.

caprichos das gaivotas, e procurando ao longe as velas que seguiam destinos misteriosos.

Uma grande cólera agitou o coração imperioso de Renato:

— Canalha! E deixaste traír impunemente o teu senhor, deixaste macular-lhe o leito nupcial? Para que foram feitos os punhais?!

— Senhor, eu era velho e fraco.

— Boa desculpa; não encontrei em todo o reino um homem que soubesse cumprir uma ordem justa?!

O riso amargo terminou num soluço:

— Deixa-me; tens razão!... Nem sei o que digo. Vai-te; quero ficar sósinho.

O Dião safu; duas lágrimas silenciosas rolaram pelas faces duras do conquistador. Lá fóra, cada vez mas límpida, a voz do arauto retiniu na atmosfera: — «Glória a Renato, o Magnífico senhor de Olaia, príncipe de Kárcia.»

III

Renato perguntava a si mesmo como pudera ela, tão nobre e tão boa, calcar o pudor de mulher e o orgulho de rainha, até se entre-

o Dião da Sé do que se passara em sua ausência. Lentamente, o bom velho, que andara com êle ao colo e o ensinara a lêr pela grande gesta anónima da primeira dinastia — o «Livro das Vitórias de Rodolfo Cabeça-de-Touro» — foi narrando a chegada dos navios carregados de riquezas do Levante e o discurso do legado pontifício. Súbito estranhou-se-lhe a voz. Não devia esconder ao seu senhor uma traição, tão feia e tão vil. Cheio de hesitações contou os amores da rainha Clotilde com certo aventureiro que viera não sabia bem de que remoto país do sul.

A cólera e a traição sufocaram o herói. Depois, numa curiosidade amarga, quis saber tudo — os encontros que tiveram e o rumor do público. Quando o velho terminou

Podia desprezar o exemplo do eguário? Não, não podia. Contudo, nas profundezas da sua alma orgulhosa que sacrificara, num desmedido sonho imperialista, milhares de vidas, sentiu nascer um feminino horror pelo sangue. Pensou em morrer, pensou em a mandar justiça, longe, onde não lhe chegassem os gritos de desespero, nem visse as contrações da carne. E não diriam que êle, Renato o Grande, senhor de dezoito províncias e oitenta cidades tivera medo de matar uma mulher?!

Anunciando a madrugada cantou o galo, e o canto alargando-se sonoramente pareceu encher tôda a cúpula do céu, numa brutal gargalhada de troça.

Se os outros não soubessem seria doce perdoar, assim, era impossível, ficaria o homem mais miserável de todo o reino.

## IV

No silêncio da alcôva Renato olhou-a num mixto de rancor e de ternura. Adormecida, parava-lhe nos lábios entreabertos um sorriso vago, quasi religioso de virgem escutan-

tu, uma rainha de Kárcia, portar-se como uma perdida!

— Não, isso não! Esse grito encheu-o de esperança; se fôsse mentira, se ela negasse... A rainha, hesitante um momento, concluiu:

— Traf-te, mas não como uma perdida; não me vendi, nem me escudo com a fatalidade como todas as perdidas. Entreguei-me livremente, porque quis.

Renato pegou-lhe com fúria num braço:

— Quer dizer, não tens desculpa nenhuma.

— É verdade, que me mates ou não pouco me importa! Sou incapaz de mentir.

— Quem traz na alma disfarçadamente tanta ignomínia é capaz de tudo.

E depois, num assômo de orgulho:

— Achaste que êsse miserável valia mais do que eu?

— Não; e foi por isso mesmo que o amei. Tu estás muito alto para poder compreender isto. Muitas mulheres traem os maridos porque não lhes percebem a superioridade; outras, porque lhes descobrem pequenas misérias que o povo ignora. Conheces casos dêsses, são de todos os dias. Eu não te traf nem por uma nem por outra coisa. Admirei-te sempre, admiro-te hoje mais que nunca;

Perdi-me; perdi-te. Deixa-me beijar-te uma vez na vida como nunca julguei que te pudesse beijar. Não tenhas vergonha; eu sei que vou morrer, e a morte leva tudo.

Sentindo-a contra o peito apertou-a bem, não fôsse ela fugir:

— Amor, pobrezinha, tu sofras; o nosso amor nasceu hoje; só hoje nos conhecemos.

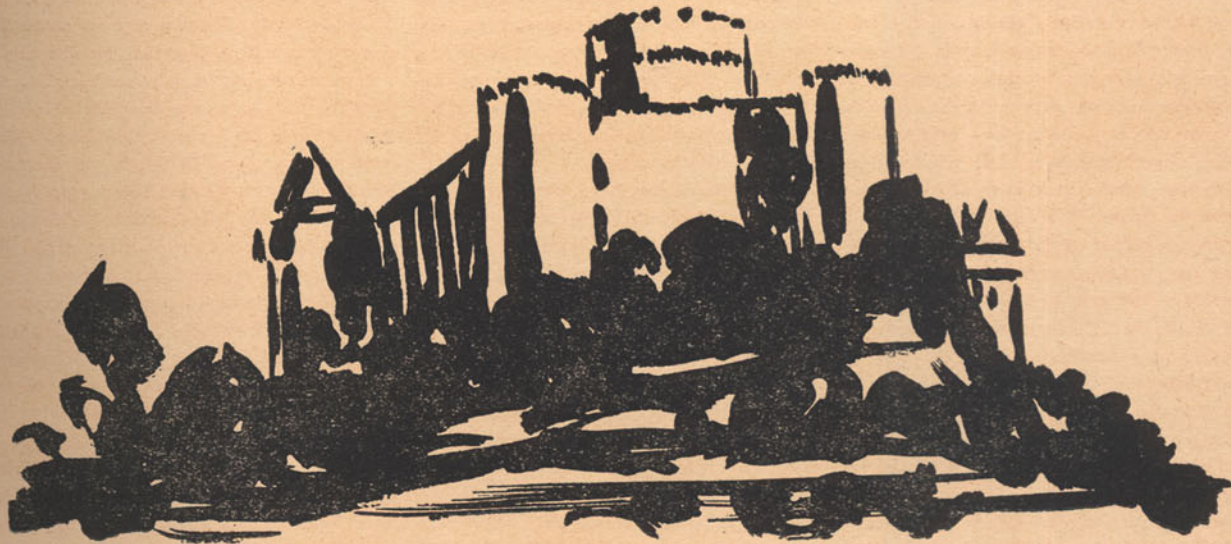
Subtilmente floriu-lhe na alma a volúpia de perdoar, de se fazer humilde:

— Minha pecadora, deixa-me beijar-te nos olhos, quero beber as tuas lágrimas...

E pela terceira vez, lá fóra, a voz do arauto derramou sobre a paz cristianíssima da manhã, o grito de glória de Renato «o Vitorioso príncipe de Kárcia senhor de Olaia.»

## V

Já o sol ia em declínio quando Renato se levantou. Sentiu ódio ao velho Dião, um ódio em que havia muito de vergonha. O seu primeiro cuidado foi expulsá-lo para a ilha Negra sob o pretexto de que não guardava suficientemente segredos reais.



do vozes de bemaventurança. O cabelo cafa-lhe em cachos de ouro na almofada de sêda azul; errava pela atmosfera uma ternura subtil e casta...

Na alma dominadora do guerreiro acordou o desejo de a beijar; certamente ninguém no mundo saberia.

Se ela morresse, se não fôsse preciso matá-la! E antevia-a no caixão, tôda de branco, entre o fumo dos incensos e o latim dos clérigos. Curvou-se para a beijar, mas nesse momento ela abriu os olhos assustados. Reconhecendo-o ia a sorrir quando lhe reparou nas crispações do rôsto.

— Que tens? Estás doente? Porque não respondes? Meu Deus... nunca te vi assim.

— Tu traíste-me? Fala; sei tudo.

— Se tu sabes tudo que queres que te diga?!

— Nem ao menos pretendes defender-te? Como pudeste

mas não consegui amar-te. Tu eras um herói, os heróis pertencem à nação, à praça pública, à humanidade, a tôda a gente, menos à sua mulher. Os heróis admiram-se como motivo de escultura. Todos os veneram, e todos sentem um imenso alívio quando desaparecem. Em ti tudo era magnífico! Os gestos, as palavras, as vitórias... Eras mais do que um homem, e eu queria apenas que fôsse bem humano o coração que batesse por mim. Quando me beijavas, meu senhor, tinha a impressão que os teus beijos obedeciam a um protocolo inflexível. Invadiu-me o desejo de amar ao menos uma vez na vida. Nem por isso deixei de te admirar. Tu és forte; quando proclamas a tua força os outros sentem-se humilhados na sua fraqueza, mas eu que tenho o orgulho de ser frágil, sentia-me penetrada dum culto reverente. Tu não me entendes; eu não sei dizer.

Interrompeu-a um soluço do herói; depois, mais triste, continuou:

— Tu choras? Tu sofres? Porque não me disseste tu que eras capaz de chorar?! Afinal és como os outros.

Teria sido tão fácil amar-te. Sinto-o agora; é tarde.

Depois instituiu em honra da «virtuosa rainha Clotilde», entre festas que ficaram célebres na cidade de Úlia, a santa Ordem de Cavalaria do Lírio de Ouro. Foram três dias magníficos. Passaram meses, e de novo a águia tricéfala lançou no espaço o vôo real. A fama do Conquistador e do Mecenas chegou até aos astros. Quando morreu, onze estátuas disseram aos homens a glória do monarca excelso; os poetas, os cronistas, chamaram-lhe *O Vitorioso, o Justo, o Magnífico, o Invencível*, deram-lhe designações bíblicas. *Filho de Macho, Herói da Espada de Dois Gumes*. E o grande Condestável de Ilásia, confundindo na mesma apoteóse a miséria doméstica e a glória pública, escreveu nas suas memórias; «Ele foi mais do que um homem, foi o Eleito, e, quasi divino, ostentou na fronte orgulhosa, pontas — as aureas pontas dos grandes deuses Baal, Zeus e Amon».

(Desenhos

de

José Tagarro).

MÁRIO

DE

ALBUQUERQUE.

# A L E N D A D O S P R A D O S

Separadas por um límpido rio, existiam, sob o mesmo céu instável que os humanos olham, duas regiões diversas e acessíveis. Eram a bem dizer: dois prados, pois ambos solos verdeciam esmeraldinos pela estação pluviosa, e, igualmente caducavam de seiva quando se louravam nos estios. Um era o Prado da Morte, o outro o Prado da Vida. No Prado da Vida reinava um sátiro desleixado; no da Morte um sacerdote atento. Um deus arcano, inenarrável, único, assistia impávido ao medrio dos homens, sem insidiar ou proteger. Era um bom deus. Não tinha a quem servir nem quem o servisse. Tão bom que, à tona cristalina e tépida — azul e serena, revelando o seu fundo dourado — homens e mulheres, preguiçosamente, vogavam sobre jangadas hervas para o Prado da Vida. Lá, nervudo, impudente e feliz, esperava-os o sátiro alegre, entre os lotos de pétalas róseas e brancas, bambaleando-se ao som ecoante e vivaz da fruta. E à medida que nela so-prava, as falenas adejavam, as aves gorgearam nos galhos, mornos pelo sol coando através a folhagem quente.

O Prado da Vida formigava de imigrantes familiares; o Prado da Morte era deserto. Dum lado, o sátiro ridente tocava na fruta campina árias de amor: hinos à Vida; do outro, o primeiro sacerdote, inerte como um rochedo, lia, num grande livro de sua invenção, a vida futura e as bonanças de Deus. E assim como o vigoroso silvano fazia sorrir à Vida, o sacerdote severo responsava já o sópro fugace dessa vida sem culpas. E estava só. Só, imaginando! E o seu lugubre murmúrio confundia-se com o rechinar gemente dos galhos altos. E eram ditosos os seres no Prado da Vida. Mas, porque eram ditosos? O sátiro não sabia explicar. Quem poderia elucidar? Os homens começaram pensando. O pensamento afeia; afeia até o coração com más tendências. Faz perder a cabeça, enrugaa a fronte tristemente. O pensamento é para a felicidade o que a água é para o fogo. Os homens pensavam no Prado da Vida! E começou então, nesse local escolhido, a fencer a ventura. Como se pode ser tão venturoso para morrer?! ...E muitos homens atravessaram o rio límpido. E começaram sendo informados, pelo sacerdote, do que era a Morte. E o sacerdote falou-lhes da consciência e das iras dum deus que eles desconheciam. Porque não seria o amor infundo?! Se êle era tão fácil e gostoso no Prado da Vida?! Os

homens começaram temendo. A temeridade enfraquece. Então o sacerdote explicou aos homens o que era a Morte. E o sátiro, cabreando e gargalhando, perguntou-lhe se êle houvera já morrido para tal ensinamento impor. E o sacerdote disse-lhe que estava escrito no seu livro, motivo porque o sátiro riu mais ainda, dando cuadas sobre a relvama, e, fugindo para as suas sensatas paragens. Mas se nelas os homens entristeciam, sob o clarar do pensamento! Pouco a pouco fugiam.

No Prado da Vida sucediam-se os vales amenos ornados de bosques admiráveis. As madressilvas e as vinhas virgens davam festões às pedranceiras. E arbustos e árvores eram todos diáfanos; como feitos de luz condensada e opalina. A folhagem, pelas primaveras, colorava-se do róseo imperceptível dos primeiros raios da aurora.

E o sátiro considerava essa imensidade afável e vagante. Onde estavam os que podiam gozar de tais graças vernais?!... Todos, no Prado da Morte, rodeando o sacerdote ledor! E a multidão, outrora feliz e ignorante, começou vendo que de longes terras proas ávidas vinha ao Prado da Morte buscar recompensas solazosas, por serem escravos fugindo — sem que o sátiro soubesse — os longínquos países onde a Lei começava. Velhos, moços, mulheres, crianças, todos macecados e sofrentes, se acercavam do sacerdote. E os poucos, desconhecendo no mesmo prado o infortúnio, estristeciam. E como entristecessem, voltavam para o feliz local do sátiro. Mas lavraram todo o Prado da Vida e semearam e fizeram matança dos antílopes para se vestirem. E as mulheres teceram. E os homens pelejaram, invejosos das colheitas doutrem. E as mulheres rixaram igualmente por causa duma tanga ou duma concha.

O trabalho fez a sua aparição. Todos se atrelaram à canga penosa, pensando, sofrendo, ambicionando e temendo.

No Prado da Vida caíam as árvores, sob os machados incessantes, pesadas de frutos e de favos de mel. E o sátiro, infeliz entre os homens que ajudava sob o azorrague, com as pernas lanosas na água límpida, aborreu um dia o sacerdote:

— Senhor! É penoso viver na dôr!

— Que o amor vos console!...

— Como posso amar, agora que penso e temo?!

— Trabalhai!...

— Mas o trabalho exige esforço! Debilita...

Eu queria repousar, agora que laboro...

— Não é o sono uma graça terrígena?!

— Esse bem é incompleto por não ser eterno!...

— A Morte...

— Agora; temo-a! Se eu cogito... Tenho medo!...

— Porque a temeis?!... A Morte é a maior ventura. Não pune. Só acolhe! Vinde... Não vedes que os caminhos do vosso Prado são hoje penosos já pela sua malice?! Vinde...

E o sátiro como sofresse, tal o Homem, como êle acreditou e se embrenhou pelo Prado da Morte. E viu uma turba prostando-se e outra prostada. Os corpos desta estavam transparentes e luminosos. Os que se derribavam com leite, na sombra dos frondes e sob os tufos de flores, sorriam, como o sacerdote: liberto dum concorrente que êle deixava morrer sem dolos.

Após a fuga edificante do sátiro deu-se logo um exodo no Prado da Vida para o Prado da Morte. E pouco a pouco o mundo despovoava-se. Se a Morte era o maior bem!

O sacerdote, com as mãos ascéticas e confrangidas metidas no cingulo litúrgico, assustado, temia o fim humano. Que fazer?! Resolveu solerte fazer da Morte um inferno. Fêz tecer um véu plúmbeo sobre o seu Prado e mandou talhar dois monstros que depôs à entrada. Um: a Tortura; outro: a Eternidade. E, com essas benéficas mentiras, assiste, à perpetuação da raça humana, do seu pouso eterno que a Ignorância dia a dia fortifica.

E o Prado da Vida, desde então, ficou deserto; só avivado pela fauna, pelas seivas livres, e, pelo eco torturado, inútil e constante da Razão: «Só acreditarei na existência duma divina bondade quando não vir sofrer as crianças, os velhos e os animais; ou seja: todos os que são inocentes das suas fraquezas!...»

O Prado da Vida!... Quem pode entrar nele?! Ergueu-se à sua volta uma alta muralha, todos os dias crescendo, feita de livros levados por padres, por doutores e por soldados. Mas dentro, as vidas vegetais e animais perpetuam ainda a glória do sátiro, para quem a existência foi tão simples como a Morte. E nos cimos dos cedros trinam aves, como nas eras idílicas, ao passo que sobre a terra macerada os homens trilharam um purgatório momentâneo, desde que julgam pensar. E esse purgatório não é, portanto, nem a Vida nem a Morte, mas a Existência: o medo: o sofrimento... É a punição horrível de Deus para com os homens, que dum sonho ledo fizeram uma luta, e, dum sono eterno um temor, por darem ouvidos a um soturno e ocioso farçante.

(De «O Livro Profano», recentemente aparecido.)

JAYME DE BALSEMÃO.

# GRANDEZAS DE PORTUGAL

## PADRÕES DE TRABALHO

## PADRÕES DE NOBREZA

### VILA NOVA DE FAMALICÃO

O passado e o presente de Vila Nova de Famalicão. De começo, esta linda vila mi-nhota, este postal ilustrado de Portugal, não fala das suas memórias, não nos apresenta o seu passado. Não terá Famalicão uma distante existência? Não virá de muito longe, com muitos anos, com muitos séculos de idade? Na verdade, Famalicão existe já há sete séculos. Porém, correndo estas ruas, olhando as casas modernas que se espalham

era ainda «terra sem importância», tendo apenas cem fogos.

Um século depois daquela data, Famalicão tinha progredido, tinha dado muitos passos em frente, tinha, em suma, perto de dois mil habitantes. Actualmente, esta vila é um dos pedaços de terra portuguesa cheio de actividade e movimento.

Alguns livros dizem-nos que Famalicão possuía notáveis monumentos. Hoje, o aspecto lavado, domingueiro da vila diz-nos precisamente o contrário. Em dias pouco distantes, mais contemporâneos, Vila Nova de



FAMALICÃO — Mosteiro de Landim



FAMALICÃO — A Casa do Vinhal

Famalicão apresenta, contudo, alguns relêvos históricos. Por exemplo, tóda a vila está cheia de recordações de Camilo Castelo Branco. Apontam-nos o edifício do célebre Café do Gato, onde o autor de *O Amor de Perdição* teve, durante anos, a sua tertúlia. Mais adiante, o hotel onde Ana Plácido namorava o «torturado de Seide». Enfim, por tódas as esquinas, em tódas as ruas, há páginas soltas, páginas esquécidas, da agitada existência do maior génio verbal da nossa literatura.

Fora da vila, mesmo no concelho de Famalicão, ainda se nos deparam, porém, alguns monumentos com notável importância nos nossos valores arquitectónicos. Aqui está, por exemplo a Casa de Nine, da velha família Cardosos Passos. Este edifício, de que restam poucos aspectos primitivos, tem a sua origem no Paço do Provem, na Galiza. No grande, no alto portão, impõe-se o seu medalhão heráldico. Lá dentro, vê-se um jardim cheio de rosas e de sorrisos de crian-

por tóda a vila — os nossos olhos recebem a impressão de estar admirando uma vila nascida nos nossos dias, no nosso século...

Contudo, Famalicão tem a sua história — ocupa algumas páginas da nossa História. Afirma-se que D. Sancho I, seduzido pela belêsa dêste lugar, interessado pela vantajosa situação dêste recanto entre as cidades de Pôrto e Braga, e, também, pela circunstância de passar por aqui uma importante via militar romana, se determinou a povoá-lo e a dar-lhe foral em 1 de Julho de 1205. Apesar de todos os privilégios que êsse notável monarca concedia, foi lenta, tardia, a sua povoação. Alguns escrupulosos historiadores declaram que esta vila esteve despovoada por largos decénios, até que veio estabelecer-se aqui um homem, de nome Famelião, que se casou com uma criada dos condes de Barcelos. Não existe a data fixa em que isso sucedeu; mas, o historiador Vilhena Barbosa diz supôr que foi no reinado de D. Denis ou de seu filho D. Afonso IV. Assim, com o dobrar do tempo, ter-se-hiam construído algumas casas junto do estabelecimento daquele homem, de quem parte, segundo corre, o nome que, hoje, tem a vila. Este título foi-lhe concedido em 1706, quando



FAMALICÃO — Igreja Românica de São Tiago de Antas



FAMALICÃO — Casa de Nive

gas. Lei eterna! Sobre o cadáver do passado a madrugada do presente, de braços estendidos para a Vida! Pertence hoje à família Sampáio, descendente dos Cardosos Passos.

Uma nova corrida em *auto* sobre a estrada envernizada de sol. — Onde fica Cambezes? Responde a esta nossa pergunta um homem, que encontramos à porta duma dessas características tabernas do Minho. Monta no estribo do nosso carro — e vem indicar-nos o local que procuramos. Cem ou duzentos metros de corrida vertiginosa — e, agora, por velhos e estreitos caminhos, até Cambezes. Chegamos. Na nossa frente, aparece um velho edifício de velho estilo. A primeira viragem de olhos, temos a dolorosa impressão de estar admirando uma múmia arquitectónica... Portas carcomidas, escadas esboroadas — desleixo e ruína! Mas, interrogando este edifício, escuta-se a voz dum costume judicial que anda perdido nas catacumbas do tempo. Cambezes foi outrora um dos poucos *contos e honra* do Minho. Aqui se refugiaram criminosos de todos os modelos. Em idades distantes vieram até aqui, em corrida aflitiva, pressurosa, bandidos, salteadores e delinquentes políticos. Chegavam aqui e pediam



FAMALICÃO — Casa e Torre de Pindela

protecção. Eram perdoados, absolvidos? Sabe-se lá!... A História é um covil de mentiras!... Ao lado deste edifício que nos fala

semeados de pirâmides de tojo. As escadas principais, foram torturadas pelo tempo, e estão muito vizinhas da ruína completa. Um de nós bate palmas, e aparecem-nos duas mulheres, mãe e filha, a primeira com a neta ao colo, que é uma flor a desabrochar, e um homem. Perguntamos-lhes pela história do edifício. Nada sabem. Em todo o Minho não há também, quem conheça o passado do solar... E do presente? Ah!... Não precisamos de perguntar, não precisamos de respostas... Entregue a caseiros, votado ao abandono, este solar é um precioso documento duma época. Contudo, actualmente, nada mais é que um notável testemunho de valor arquitectónico que pede a apressada protecção e defesa da comissão dos monumentos nacionais.

## NOVA JORNADA

### A CASA DÔ VINHAL

A primeira viagem mais rápida, de escassa colheita, outra devia seguir-se, porque uma cuidada rebusea nos revelou em Famalicão a existência de antigos solares e monumentos, impondo-se pelo seu valor histórico e arquitectónico.

Logo um quilómetro, a oeste, da vida, em



FAMALICÃO — Conto e Honra de Cambezes

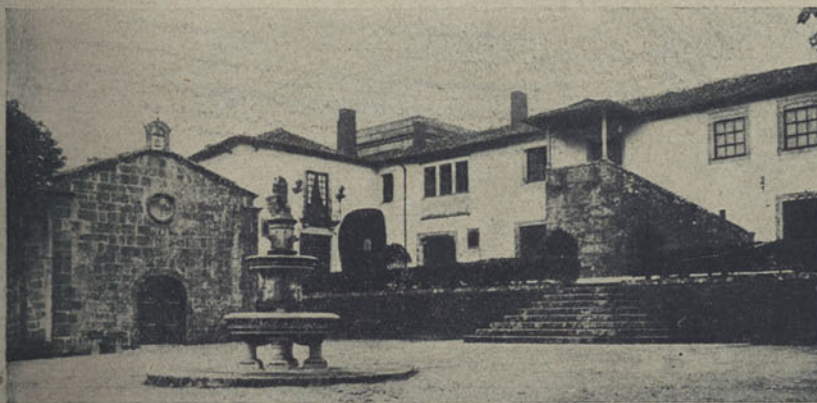
terreno fértil e dominando um belo panorama, encontramos a fidalga e agasalhadora Casa do Vinhal, dentro de cujas paredes ainda vive e palpita um coração de portugueses da velha guarda.

Foi modernamente restaurada e alindada pelo seu actual possuidor, o comendador José de Azevedo e Meneses, antigo moço-fidalgo da casa real, escritor ilustre, linhagista dos mais distintos do nosso tempo, sendo uma das suas melhores obras, como trabalho de paciente investigação, o livro *Ninharias*, de que várias vezes nos socorremos ao falar das senhoras do Castelo de Faria, de Barcelos, e da sua descendência.

A antiga quinta, cerceou terrenos importantes a passagem das linhas férreas do Minho e da Póvoa, que a rodeiam, e a estrada de macadam da vila, que a corta pelo sul, e que, no entanto, a deixou valorizada por mais fácil acesso. O imponente palacete domina um extenso laço da via férrea do Minho, que passa em plano inferior, faceando o formoso jardim. A vista abrange tódá a vila e intermináveis taboleiros de vinhedos, campos de lavoura, soberbos pomares.



FAMALICÃO — Casa de Palmira (Vintodos)



FAMALICÃO — Casa de Pindela, vendo-se ao lado a capela e o chafariz

Ao lado do palacete há uma formosa capela da invocação de Nossa Senhora do Carmo, com um riquíssimo altar de talha encimada de primoroso relêvo, estilo D. João V.

Celebrou nesta capela o Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Meneses, em 9 e 10 de Dezembro de 1704, quando ia tomar posse da sua diocese e se hospedou nesta casa.

O brasão existe na capela, que é o mais antigo. Tem as armas dos Coutos, Azevedos, Farias, Barros, com o timbre dos Azevedos; num dos dois portões, em estilo D. João V, que dão acesso à casa, há outro brasão com as armas dos Costas, Azevedos, Cardoso e Meneses, Pinheiros, com o timbre dos Costas.

O origem histórica desta casa remonta ao primeiro quartel do século XVII, tendo-a o duque D. Teodósio de Bragança improvado em três vidas, em 29 de Maio de 1623, a Rui Borges Lousada e sua mulher Ana de Oliveira, de Vila do Conde. De mão em mão, e por demanda havida mais tarde entre as famílias Lousada e Couto de Azevedo, veio a Casa do Vinhal a ficar em posse da última, de que é actual representante o venerando fidalgo José de Azevedo e Meneses.

#### UMA HISTÓRIA TRÁGICA

Sabe-se que, em 1601, era senhor da Casa do Vinhal, Baltasar Cício Cogominho, representante duma das mais nobres famílias

de Portugal, deixando ir esta propriedade à praça por dívidas à casa real.



FAMALICÃO — Casa dos Condes de São Martinho

Tudo leva a supor que seja este o mesmo Baltasar Cício de Barcelos Cogominho, que em meados do século XVII vivia em Barcelos com sua mulher D. Grácia de Matos de Faria, de quem houve duas filhas que professaram num convento de Olivença, e cinco filhos, entre eles D. Fr. Francisco de Faria, bispo de Martísia e coadjutor do arcebispo de Braga, D. Sebastião de Matos de Noronha.

As relações com este arcebispo, concorrendo para a alta posição de que fruíam em 1640 os membros desta família, foram também a causa da sua ruína.

O astuto e ardiloso prelado era ferrenho partidário de Castela, mas tão habilmente se houve que, depois da Restauração, conseguiu ser nomeado governador do reino, com o arcebispo de Lisboa e o visconde D. Lourenço de Lima, enquanto não chegava D. João IV de Vila Viçosa.

Pouco depois, não podendo sofrer a sua afeição a Felipe IV, urdiu uma terrível conjura cujo fim era assassinar D. João IV e restituir Portugal à coroa de Castela.



A quinta de Vila Boa na freguesia de Lomba, Barcelos

A conspiração foi descoberta e os conspiradores presos. Entre muitas pessoas de alta nobreza, que alinhavam ao lado do arcebispo, — o duque de Caminha, o marquês de Vila Real, os condes de Val de Reis, de Armamar e outros — figuravam o bispo de Martíria e seu irmão Cristóvão Cogominho.

O arcebispo de Braga foi metido nos cárceres do Forte do Paço, passando em seguida para a Torre de Belém e, por fim, para a de S. Julião da Barra, onde morreu, arrependido, em 1641.

O bispo de Martíria foi encerrado na Torre de Belém, onde esteve muitos anos, acabando os seus dias no convento de S. Vicente de Fora.

Cristóvão Cogominho, prêsno no Limociro, foi condenado à fôrca, vindo a pena a cumprir-se em 9 de Setembro de 1641.

Um dos cinco irmãos morreu num convento. E os outros dois, João e André de Faria, quando em Barcelos, após a Revolução de 1640, aclamaram o duque de Bragança, que era também duque de Barcelos, acaudilharam um pequeno grupo de traidores que, naquela antiga vila, deram origem a sangrentas lutas. Perdida a partida, expatriaram-se.

O desventurado chefe desta família, Baltasar Cício Cogominho, morreu em Barcelos ralado de desgostos e foi ali enterrado na capela-mor da Colegiada. Claramente que os Cogominhos nenhum parentesco têm com o actual senhor da Casa do Vinhal.

OUTROS SOLARES E MONUMENTOS

Deixando à direita desta casa, para nascente, um antigo solar pertencente aos Condes de S. Martinho, de cujo torrão se disfruta um magestoso panorama, cortamos, à esquerda, para S. Tiago da Cruz, onde existe um dos mais curiosos solares do Minho, a Casa de Pindela, modernamente restaurada, no seu primitivo estilo clássico, pelo titular do mesmo nome, nosso antigo ministro em Berlim e estando hoje na posse dum seu filho.

Este morgado foi instituído em 1523 por Luís de Carvalho e Prado em seu sobrinho Simão Pinheiro, escudeiro fidalgo da casa de D. João III, bisneto de D. Branca Pinheiro, por sua vez descendente do fundador do Solar dos Pinheiros, em Barcelos.

Entre os membros ilustres da família, contam-se: Gaspar Pinheiro, que serviu na Índia com seu tio Martins Afonso de Sousa, então vice-rei; Estêvão Pinheiro, que com soldados seus acompanhou à África D. Sebastião; Miguel Pinheiro Figueira, cônego e vigário capitular de Braga; D. Diogo Figueira, deão da mesma Sé; Xisto Figueira, comendatário da vila de Muia, que escreveu a *Arte de resar conforme o Rito Bracarense*; João Machado Corrêa de Melo, fidalgo cavaleiro com fôro da casa rial.

Foi 12.º morgado de Pindela o visconde do mesmo título, Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada, irmão do Conde de Arnoso, autor dum «Resumo Genealógico-

«Nobiliárquico das casas nobres da província do Minho.»

O interior da casa, onde há um recheio de grande valor, é uma perfeita reconstrução do século XVI.

Dois monumentos exigem ainda referência: a igreja românica de S. Tiago de Antas, outrora uma das freguesias mais rendosas do Minho. Foi antigo mosteiro de Templários, passando, depois da supressão das ordens, à posse da família Maia, e, desta, à dos Marqueses de Fontes. Actual igreja paroquial, apenas conserva no exterior uns restos do antigo estilo, havendo passado por sucessivas restaurações. A palavra *Antas* é, como se sabe, de origem celta, havendo no Minho outras freguesias com igual nome.



Trasciras da casa de Vila Boa

Para lá de S. Miguel de Seide, encontramos o mosteiro e cerca de frades de Landim, que fôra primitivamente Mardim e, mais tarde, Nandim.

Por estas freguesias fora acodem-nos à memória as grandes figuras dos romances do Mestre, como *A Brasileira de Prazins* e o *Cego de Landim*, da colecção *Novelas do Minho*.

O convento, cuja igreja conserva também uma parte de românico, foi, segundo é fama, fundado e dotado em 1095 por D. Rodrigo Forjaz de Trastamara, embora outros lhe dêem por fundador o senhor do Couto de Palmeira, D. Gonçalo Rodrigues, cujos filhos o doaram ao mosteiro e couto de Landim.

Foi seu comendatário e reedificador D. Miguel da Silva, cardeal-bispo de Viseu, falecido em Roma em 1556. Tinha o Couto título de condado, sendo o seu prior ouvidor-mór e quem regulava na grande feira do ano os preços por que deviam vender-se os géneros ali expostos.

Em 1562, foi o convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra.

Houve nesta freguesia o solar dos Landins, que alguns fazem descender dos Landins de Inglaterra, outros dos de Palência.

Num pitoresco local próximo, o largo do Carvalhal, há uma tríplice capela consagrada a S. Brás, ao Senhor dos Passos e ao Senhor das Chagas, que a tradição diz ter livrado este reino de Portugal e dos Algarves de muitas coisas ruins. É pena que não tenha agora igual virtude, porque tantas coisas ruins ficaram ainda por cá. Realiza-se ali, em Fevereiro, a feira anual da Candelária, certamente ainda revivescência da antiga.

Hoje, Landim é mais conhecida pelo seu famoso vinho verde do que pelas suas antiguidades.

Como se vê, e a-pesar da primeira desagradável impressão, alguma coisa Fomalício nos forneceu ainda digno de registro.

GUEDES DE AMORIM.  
SOUSA MARTINS.

(Fotos Alvaro Martins.)

A reportagem literária e fotográfica para a secção  
**«GRANDEZAS DE PORTUGAL»**  
 é feita em automóvel CHRYSLER  
 de que é representante em nosso país a firma  
**A. BEAUVALET**  
 LISBOA — Rua 1.ª de Dezembro, 137  
 PORTO — Rua de Santa Catarina, 73



FOMALICÃO — Portal da Casa de Nine

ARTISTAS PORTUGUESES  
QUE TRIUNFAM NO ESTRANGEIRO

# GUILHERME FILIPE

E A SUA EXPOSIÇÃO EM MADRID



Cabeça de mulher

Há uma boa dúzia de anos que o pintor português Guilherme Filipe tem a sua residência em Espanha. As suas arribadas às terras de Portugal são tão espaçadas e curtas, a sua identificação com o ambiente madrileno é tão íntima e acentuada que, se não fôsse pelo seu lusitaníssimo espírito de que nos está dando freqüentes e incontestáveis provas, nós, hoje, já nem o considerávamos nosso.

Muito conhecido e estimado nos meios intelectuais de Madrid, mercê das suas qualidades de simpatia e inteligência, o nosso compatriota formou-se, por assim dizer, na honrosa intimidade dos melhores nomes da Espanha nas Artes e nas Letras. A isto se deve, em grande parte, a depuração da sua sensibilidade de artista nascida no doce contacto da paisagem coimbrã, que ainda hoje se infiltra — e Deus lhe conserve o dom! — como mágica essência que a sua alma absorveu um dia, nas suas tintas um tanto encandecidas ao calor duma terra mais árida, menos feminina, confortável e amorosa, mas de luz mais crua, definida e imperativa na sua cromática vigorosa.

É curioso analisar nos quadros de Guilherme Filipe este fenómeno de transmutação de valores pictóricos de duas paisagens distintas. Num mesmo quadro as gamas confundem-se com uma aparente desarmonia.

Ao lado duma nota de delicadeza saboreada por uma sensibilidade de lírico, uma nota forte, cortante, vigorosa que parece sentida pela alma dum outro homem. Esta repetição de contrastes produz uma certa sensação confusa que desorienta à primeira vista. Mas, se o espectador se detém um pouco e acompanha a gradação cromática da tela, nota, sem grande esforço, que aquilo que antes lhe parecia um defeito não é senão um impulso anímico sobre o qual agentes exteriores de meditação e raciocínio tentaram exercer a



O pintor Guilherme Filipe no seu atelier de Madrid





O poeta Eugénio de Castro — (Obra da primeira fase do pintor)

sua acção, mas que não puderam dominar. Se algum erro há, é um erro de sinceridade, e os erros de sinceridade em Arte, quando não são virtudes, não chegam nunca a ser pecados. E, se pecados fossem, nunca seriam pecados sem remissão.

Eis o caso de Guilherme Filipe. Quando pinta, por exemplo, Salamanca, à Salamanca do noso artista não faltam uns certos ares da fronteira portuguesa. Quando interpreta as margens do Mondego, ainda lhe fica nos olhos alguma daquela luz crua de Castela a que êles, de há muito, andam afeitos. Ao ver o que pinta, não consegue, enfim, deixar de ver-se a si próprio. A culpa não é toda sua...

Há na obra de Guilherme Filipe, a par

desta louvável virtude de sinceridade, apreciáveis qualidades de pintor. Vê com inteligência, é perspicaz na captação das notas de carácter, tanto na figura como na paisagem, e compõe, sobretudo, com elegância, facili-



Coimbra — (Adquirido pelo Museu de Arte Moderna de Madrid)

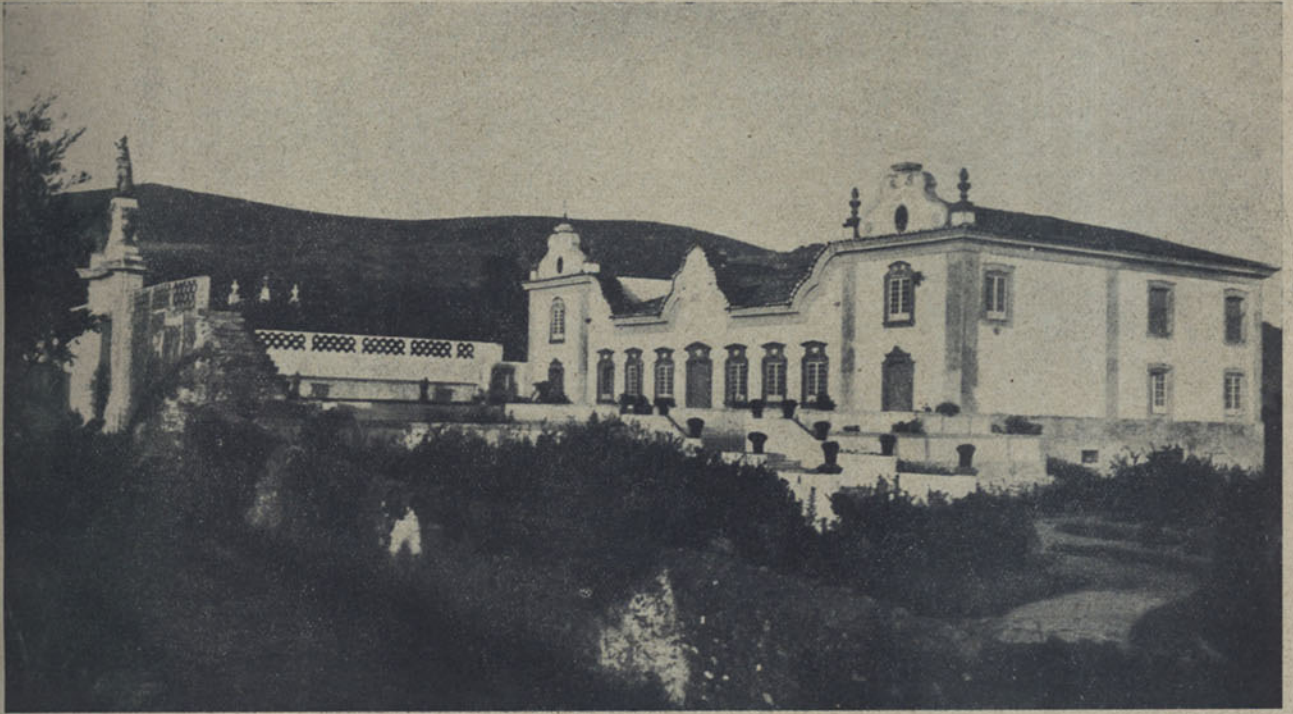


dade e bom gosto. Não lhe falta nisto um ritmo de grata harmonia formal, de combinação e côr, apenas prejudicado pela dureza do desenho, que nem sempre acompanha a intenção do pintor. E é pena, porque Guilherme Filipe tem uma rara noção da natureza pictórica e um exacto sentimento da matéria que maneja. Oxalá o possuíssem em tão alto grau outros que passam dos afagos simios duma sociedade ignorante — à qual nos queremos referir — para as esferas representativas da pseudo-Arte nacional, por via e obra de pregoeiros inconscientes e pouco recomendáveis!

Guilherme Filipe acaba de fazer uma exposição das suas obras num dos salões do Hotel Ritz, de Madrid, com lisongeiro êxito. Público e crítica foram unânimes em reconhecer as faculdades do pintor nosso compatriota. É de desejar — e os seus amigos desejam-no sinceramente — que não se satisfaça com os louros agora conquistados e cultive o seu indiscutível talento num trabalho persistente e fecundo que extraia o muito que êle pode dar de si.

N. T.

A ESQUERDA: — Retrato de Amélia Muñoz, artista de cinema



# UM SOLAR ALENTEJANO

É a Quinta da Lameira uma antiga propriedade situada num recanto da pinturesca freguesia do Reguengo a 8 quilómetros de distância da cidade de Portalegre, capital do alto Alentejo.

Foi mandada construir por João da Fonseca Acciaioli Coutinho de Sousa Tavares, senhor dos morgadios de Entre as Ribeiras e Cabaça, representante desta nobre família e residente na mesma cidade.

A sua conclusão foi no ano de 1783.

No auge da sua opulência, que deveria ter durado uns 80 anos, dentro da apalaçada residência não lhe faltaram os estuques cheios de relêvos, as fontes de mármore servindo de lavatórios, representando uma delas a rocha donde Moisés fez brotar a água para mitigar a sede aos seus companheiros, nem mesmo a estátua à entrada, bela figura em barro policromada, talvez única no país, dando a impressão dum delicado e aparatoso mordomo que convida os visitantes a pene-



A QUINTA DA  
LAMEIRA  
PORTALEGRE

AO CENTRO — O brásio de armas que encima o corpo central do solar da Lameira



O altar-mór da capela



Uma bela fonte de mármore



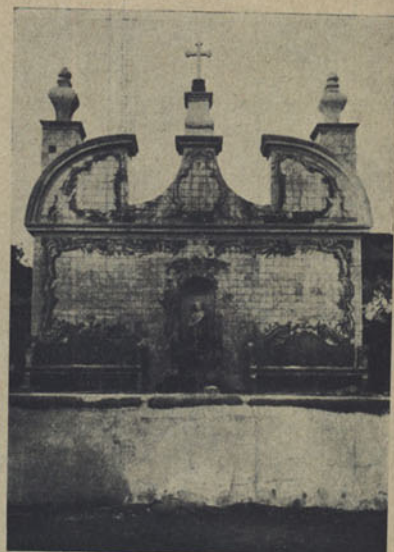
Detalhe da formosa imagem da Senhora das Dóres, no altar da capela

trarem no interior desta residência; e para remate de tôdas estas manifestações de grandeza de que hoje só há restos, encontramos uma linda capela ainda bem conservada dedicada ao culto de N. S. das Dóres, que é uma formosíssima escultura em madeira, maravilhosamente conservada, sendo ainda hoje a admiração de tôda a gente e a devoção de muitas pessoas pela expressão ungiada de divina resignação que apresenta.



A bela imagem italiana da Senhora das Dóres, com as suas roupagens magníficas

Exteriormente, no edificio nada resta do aparato antigo, nem os jogos de água que possuía, nem o complicado labirinto, nem mesmo os esplêndidos corredores de buxo que ornavam as suas ruas: encontrando-se apenas em regular estado de conservação



Uma fonte em belos azulejos e com uma figura de mármore italiano



três fontes e um lago, no qual é possível armazenar 400 metros cúbicos de água.

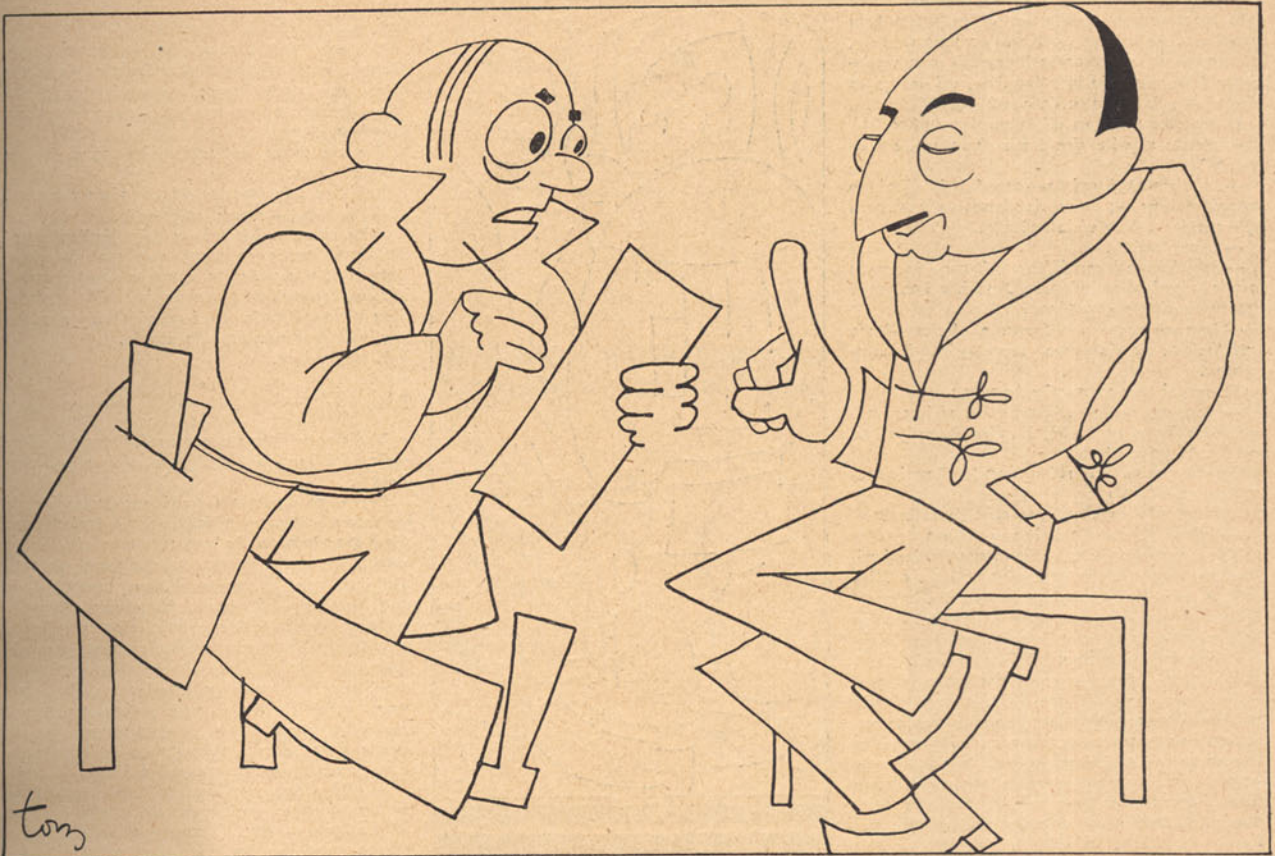
A imagem de N. S. das Dóres não tem inscrição alguma e por isso ignora-se quem foi o seu autor, mas é tradição nesta família que ela foi adquirida na Itália à data da fundação desta quinta, tendo por isso sido colocada ali há 147 anos, aproximadamente.

Foi esta propriedade escolhida em 1811, pelo general inglês Sir Arthur Wellesley depois *Lord duque Wellington*, para sua residência durante um período de operações contra o exército francês.

É hoje seu proprietário Henrique Acciaoli de Sá Nogueira, terceiro neto do fundador, o qual tem ultimamente, procurado consolidar tudo quando ainda ali existe de antigo, evitando a sua completa destruição e que teve a gentileza de fornecer as fotos que acompanham esta curta resenha e a que *Ilustração* dá publicidade como sendo a documentação das belezas arquitectónicas e decorativas dum dos mais belos solares do Alto Alentejo.

AO CENTRO DA PÁGINA — O pinturesco mordomo de loiza que espera os visitantes à porta  
EM BAIXO — A linda traça arquitectónica do solar





Certa vez consegui fazer uma entrevista muito interessante.

Confesso que detesto as entrevistas. Parece-me que se abusa delas e que quasi tôdas pecam de aóquinas e inoportunas. O tipo do jornalista que interroga àcerca de coisas que quasi não interessam a ninguém não chega, no entanto, a arrelhar-me tanto como o tipo do homem propício a consentir que lhe revistem as ideias. Tive ocasião de falar àcerca de cem questões distintas com os homens mais destacados na política espanhola e quasi nunca me disseram nada interessante. Devo a isto a ampla erudição de que me ufano àcerca da *pose* dos políticos nas entrevistas. Todos eles costumam oferecer um charuto. O senhor Dato, melhor conhecedor do coração humano e das suas vaidades, oferecia apenas um cigarro, porque sabia que o cigarro estabelece uma maior intimidade. Sanchez Toca começa invariavelmente por afirmar que não tem nada que dizer; depois fala meia hora àcerca do assunto num castelhano tão difficil que é preciso tomar nota de tôdas as suas palavras, terminando por nos dizer que tudo aquilo que acaba de nos contar está no seu livro X ou Z, e recomenda-nos que copiemos um capítulo. Alba é amável; Burell, cordial. O mais terrível de todos é o sr. Garcia Prieto. É notório que o sr. Garcia Prieto possui duas vozes: uma, de *tiple*, e outra de baixo profundo. Faz, por exemplo, as suas primeiras manifestações com a voz de baixo, e, de súbito, salta à voz de *tiple*. A gente conclui por se convencer que está a falar a brincar, e não sabe se conceder mais importância ao tom grosso ou ao tom fino. Jornalista houve que se atreveu a interrompê-lo, para lhe perguntar:

— Bem; o que V. Ex.<sup>a</sup> me diz em voz de falsete di-lo a sério, ou devo anotar somente o que me diga em voz de baixo?

Poucas vezes deixei perder a ocasião de re-prender amorosamente aqueles que pelo afan

# TEORIA DO GALEGO

CRONICA SATÍRICA POR W. FERNANDES FLORES



duma efémera notoriedade se submetem às entrevistas. A-pesar disso, uma vez estive quasi a incorrer no mesmo pecado. Certo jovem colega visitou-me aqui há dois anos e expôs-me o seu inquebrantável propósito de me entrevistar. Imaginem a minha atrapalhação. Mal lhe indiquei: «Sente-se, faça o favor», compreendi que não tinha nada mais que lhe dizer. Ele começou o seu interrogatório:

— Que idade tem?

Pude pronunciar:

— Sou novo. Muito novo ainda.

— Sim, mas... quantos anos?...

Ofereci-lhe um cigarro para o suavizar. Atrevi-me a opinar:

— Guardando todos os respeitos aos seus processos de entrevistador, não lhe parece que seria mais interessante perguntar-me quantos anos desejaria ter? Talvez eu pudesse aventurar uma agradável teoria. Os factos reais são áridos...

— O meu colega rilhava o lápis. Ofereci-lhe então mais cigarros.

— Compreendo que lhe devia oferecer um charuto; mas eu abomino os charutos. Nas entrevistas sempre se oferece um charuto. Em compensação, pode guardar êsse massa.

Olhou-me com surpresa.

— Despreza os charutos?

— Com efeito; parece-me uma estupidez fumar um charuto.

O jornalista tomou uma nota. Vi então que, imprudentemente, ia atrair o rancor de todos os fumadores de charutos. Precipitei-me a esclarecer:

— É claro que não me refiro aos charutos da Havana, e exceptuo, também, os da Tabaqueira espanhola. A minha aversão vai só contra as brevas.

O meu companheiro anotou novamente. Lembrei-me logo que a minha nova afirmação ia lançar sobre mim a antipatia de muita gente, e procurei um segundo esclarecimento:

— Isto não quer dizer, contudo, que as brevas não mereçam grandes respeito pelo seu bom resultado. Se consulto o fundo do meu coração, reconheço até que amo as brevas. O meu verdadeiro ódio, um ódio inextinguível, vai contra os fumadores de charutos de chocolate.

O repórter abriu os olhos com assombro.

— Existe alguém que fume charutos de chocolate?

— Infelizmente, existe — corroborei, fingindo grande máguia — ; eu sei de alguns amigos meus que praticam esse vício nefando.

— É possível?...

— Adquiriram esse hábito nos bancos da escola e não o podem abandonar. O senhor bem sabe que o menino e o pepino...

— Apresente-me, por favor, a algum desses cavalheiros. Faria uma reportagem interessante...

Assegurei com expressão de pena :

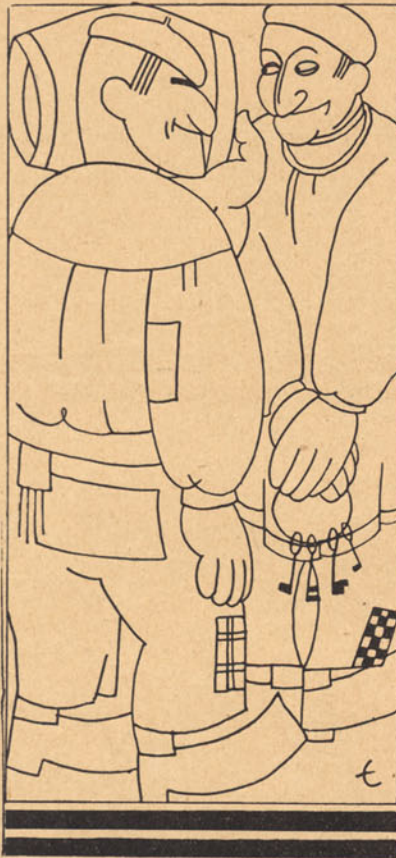
— Morreram todos, vítimas desse vício execrável. Que Deus os tenha, lavados de culpa, na sua santa guarda!

Suspiramos os dois ruidosamente. Depois perguntou-me :

— Quais são os escritores seus favoritos?

— Fulano, Cicrano e Beltrano — disse.

Mas, enquanto ele escrevia os nomes, lembrei-me que esta declaração ia ofender o J., o H. e o K. e também os citei. E pensei instantaneamente que os literatos que encontro nalgum café ou nalgum círculo, os que enviam os livros e os que não os podem publicar, e muitos que nem sequer podem escrevê-los, e todos aqueles, enfim, com quem cavaqueio ou com quem cruzo um cumprimento, iam doer-se com o meu esquecimento e não me perdoariam nunca que não os tivesse na minha devota preferência, quando esta preferência ia ser estampada publicamente num jornal. Comecei então a proferir nomes e mais nomes. Primeiro fui-os lendo na lombada dos livros da minha biblioteca; depois apelei à



caderneta de direcções, à memória, às cartas antigas, aos jornais atrasados.

— Tome note : Peres, o ilustre Peres; Lopes, Gomes, Fernandes, um tal Joãozinho, da minha terra, cujo apelido agora não me lembra, mas a quem todos chamavamos Joãozinho; Gonsalves, Ramires, Mendes...

Era um censo, um verdadeiro censo. O meu colega suava.

Rabiscou três quartos, cinco, vinte quartos... — Já basta! — rogon, extenuado.

— Desculpe — objectei — ; julgo indispensável consignar todos os meus escritores favoritos. Sem isto, não podemos passar a outro assunto.

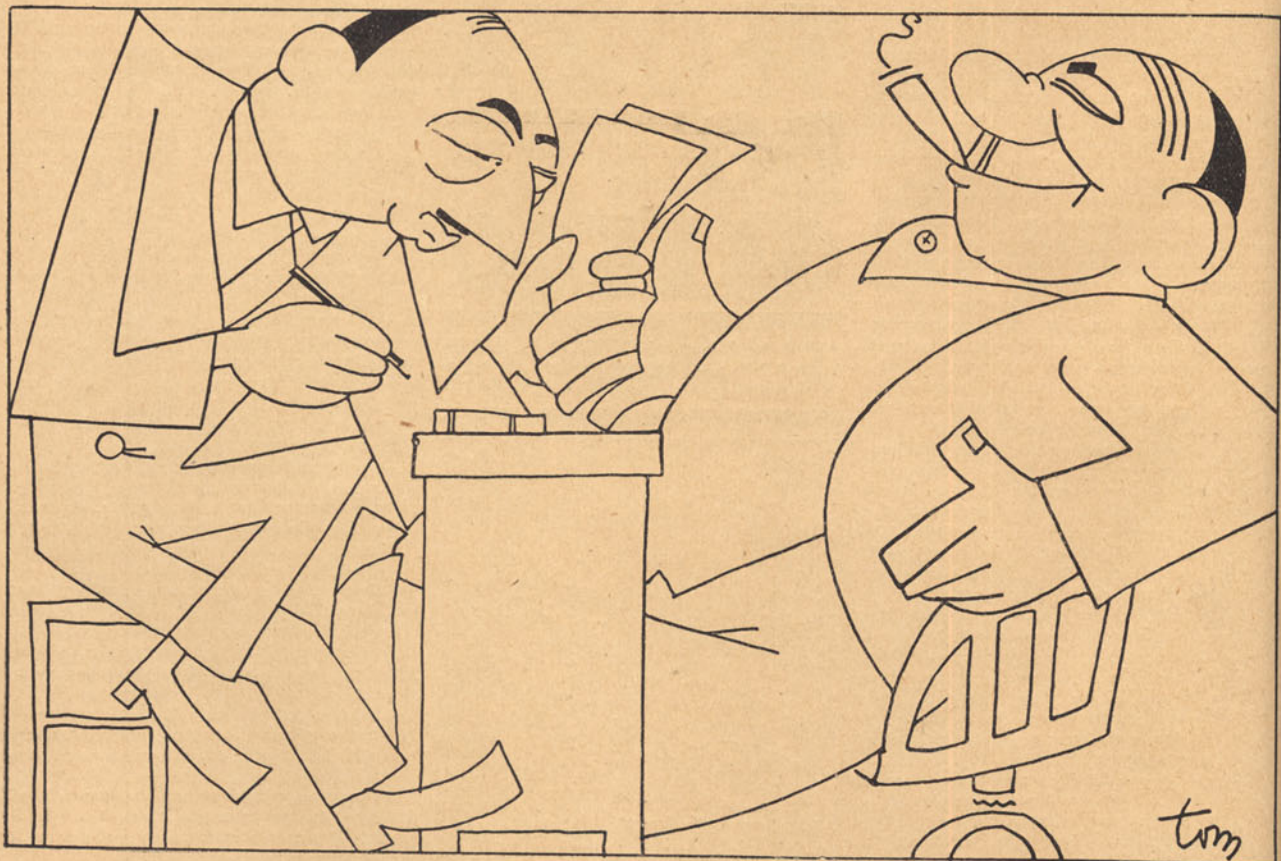
Finalmente disse que voltaria no dia seguinte com um taquígrafo, e foi-se, elogiando a minha erudição com compungido acento.

E não voltou.

Mas a entrevista a que me referi nas primeiras linhas foi, sem dúvida alguma, séria e transcendental.

Lancei-me à empresa no dia em que os jornais de Espanha tratavam do problema regionalista. Uma grande parte da Imprensa e quasi todos os diários asseguravam que tal problema era artificial e que às regiões faltava personalidade suficiente. Eu fui sempre de opinião completamente contrária, e talvez influíssem em mim as teorias dum meu conterrâneo e amigo que opinava que, assim como os castelhanos tinham solicitado leis contra os catalães que lhes chamam *castellás*, não devíamos pedi-las mais severas e urgentes contra os castelhanos que se valem da palavra «galego» para designar tudo que é sujo, ruim, desprezível e idiota.

Escolhi o tema regionalista e fui à cata dum político ilustre, ex-ministro da Corôa, homem de prestígio e sábio. Cumprimentei-o, guardei o charuto que me deu com a recomendação de



que o fumasse depois de jantar, e preparei os meus linguados.

O homem ilustre sentou-se na sua mesa de trabalho, fêz-me observar que estava lendo um livro francês para que eu formasse uma pequena ideia da sua cultura, e perguntou-me amavelmente:

— De que quere que lhe fale?

— Interessa-me — respondi — conhecer a sua opinião acerca da autonomia municipal e do problema das regiões.

— Muito bem — replicou —; também, se quizesse, podia fazer-lhe preciosas revelações acerca do cultivo da vide, ou dos orçamentos da Marinha, ou das Escolas Normais. Posso fazer declarações relacionadas com os mais graves e mais diversos assuntos. Mas o tema que me propõe domino-o como poucos.

Fêz uma pausa; estirou-se na cadeira até fazer desaparecer quasi todo o corpo debaixo da mesa e prosseguiu em tom decidido:

— Pode afirmar, sem reservas, que sou iberista.

— Iberista?

— Sim; anote: i-be-ris-ta; com b. É possível que funde um partido com essa denominação. Quero dizer que sou um devoto do Poder central, único e sem abdições, com as rédeas da Administração pública nas suas mãos. O problema das regiões não existe; terminaram com elas por um decreto; aqui não há senão províncias. Parece impossível que se capacitem disso. Está a tomar nota?

— Sim, senhor.

— O que sucede é que aqui nos conhecemos muito pouco uns aos outros, e afigura-se-nos, portanto, que somos diferentes. Era preciso que viajassem um pouco mais, que vissem lugares e homens...

— V. Ex.<sup>a</sup> viaja?

— Ora essa! Vou todos os anos a Fuenterrabia com a minha gente. Estive duas vezes em Paris... Tenho rodado um pouco. Mas, além disso, sou assinante do *Mercur* e da *Revista dos Dois Mundos*. Estudo nelas incessantemente e tenho-as citada várias vezes nos meus discursos parlamentares. Gosto de estar documentado. Quasi todos os males de Espanha veem de que os seus governantes não viajam nem estudam. Lembro-me de que, uma das vezes em que a China mudou de regime, tivemos em Conselho de Ministros uma discussão sobre os costumes daquele país. O ministro dos Estrangeiros, de chineses, só sabia que eram uma espécie de homens com os olhos torcidos e rubinho. «Mas que característica tem?» atiyava eu. E nada; ignorava que todos os chineses andam a passinho curto e levam constantemente erguidos os dedos indicadores.

— Ah! — exclamei.

— Pode-se yreificar isso em *Gheissa*. O teatro ilustra. Mas o ministro dos Estrangeiros não ia ao teatro. Bem; pois idêntica coisa se passa com as regiões espanholas. Os nossos políticos não as conhecem e acenam ante as declamações dos nacionalistas. Posso-lhe afiançar que entre um vaso e um andaluz não há a menor diferença. Digo-lho eu! Pode alguém, acaso, distingui-los na rua? As raças têm as suas particularidades notórias; por exemplo, os alemães têm a cabeça quadrada como um dado, segundo li no *Liberal* e os franceses usam uma barbinha curta. Onde estão essas diferenças entre as regiões de Espanha? Existem, naturalmente, certas dissemelhanças; mas são de escasso interesse e originadas pelo ambiente. Posso falar muito disso porque sempre opinei que a primeira obrigação dum governante é conhecer o país que há de administrar. Quere que lho demonstre? Busquem uma região pouco freqüentada...

Levon os olhos ao tecto.

A Galiza. A Galiza, por exemplo, que é a mais afastada. Pois eu conheço todos os seus usos e costumes. Escute. Dir-lhe-hei em primeiro lugar que na Galiza fala-se um dialecto que apenas se distingue do castelhano porque converte em *ti* todos os *oo...*

Atalhei, um tanto assustado:

— Isso talvez se dê com o bable. Mas o idioma galego não tem relação...

O meu interlocutor sorriu compassivamente.

— Olhe que o que eu lhe digo é o Evangelho, meu amigo. Posso apoiar-me também na autoridade de escritor tão culto e político tão significado como Don Rodrigo Soriano, que afirmava isso mesmo num recente artigo de *El Dia*. Soriano é um poliglota formidável. Demonstrava-o escrevendo duas palavras galegas, segundo ele dizia, que eu não conhecia: «Marianu» e «Hamletu». Assegurava no mesmo artigo que o sentimentalismo está de costas voltadas ao galego. É uma opinião muito digna de tomar-se em con-



sideração, porque, como se vê, Don Rodrigo especializou-se em estudos sobre aquela região. Não me palpita, porém, que o seu conhecimento do assunto supere o meu.

— Estamos de acôrdo...

O meu entrevistado agradeceu a adulação, escorrendo ainda mais o seu corpo por debaixo da mesa. Os pés já lhe saíam pelo outro lado. E prosseguiu:

— Os galegos andam constantemente em tamancaços pelas suas ruas empedradas, fazendo tanto ruído que toda a gente se queixa de dores de cabeça. Podemos dividi-los em dois grandes grupos: um, o dos guardanocturnos, e o outro, o dos aguadeiros. Os guarda-nocturnos ganham a vida abrindo as portas aos aguadeiros, e os aguadeiros, levando água aos guarda-nocturnos. Quando se desequilibra por excesso de pessoal, uma das duas classes, e há mais guarda-nocturnos que aguadeiros ou mais aguadeiros que guarda-nocturnos, envia-se o remanescente a Madrid. Deve considerar-se também a existência dum numeroso grupo de moços de corda. Reconhece-se igualmente a realidade dum pequena minoria que passa os seus anos a dançar, constantemente, a «muñeira».

— É maravilhoso...

— Oh! — protestou modestamente —; não tenho nenhuma importância nada do que lhe digo. Direi mais que, dentro dessa lei geral que abarca todos os galegos, deve abrir-se uma subdivisão para os corunhenses, que se consagram quasi exclusivamente ao cultivo e fabrico da pesca, na que realizam notáveis progressos. É preciso imaginar os povoadores da Corunha

como homens pensativamente inclinados sobre as retortas donde devem sair os salmónetes, ou sobre os alambiqueiros onde se faz a destilação da tinta do chôco, ou regando amorosamente a bem adubada terra onde se plantam as sardinhas, muito preocupados com o sol e as chuvas, porque, segundo estas sejam ou não abundantes, assim saem as sardinhas ou *boquerones* (\*).

— Que impressionante relato!

— O meu amigo é muito amável. Não pretendo descobrir-lhe nada de novo, mas demonstrar apenas que nos conhecemos bastante para se poder governar desde Madrid à aldeola mais longínqua da Península. Tudo o que acabo de lhe manifestar já o meu amigo o ouviu dizer, sem dúvida, e muitas vezes, nos cafés, nas ruas, nos sainetes, nas *tertúlias* do Ateneu, nas redacções dos jornais da capital...

— Não há dúvida.

— Pois assim como conhecemos a Galiza conhecemos todas as outras regiões. A autonomia municipal! Que loucura! Nós, sós, sem mais ajudas, olhando amorosa e vigilantemente de cima do planalto castelhano para todos os pontos de Espanha, podemos fazer mover ordenadamente a complicada engrenagem do país.

Levantei-me do assento.

— Muito obrigado pelas interessantes manifestações que V. Ex.<sup>a</sup> acaba de me fazer.

O ilustre político reteve a minha mão entre as suas.

— Apontou a frase: «complicada engrenagem»?

— Sim, senhor; já cá está.

— É porque é uma frase com certo miolo.

Retirei-me.

O ilustre político ainda me voltou a chamar, já eu descia a escada:

— Oiça, oiça! Esquecia-me dizer-lhe uma coisa importante. Anote: «Os momentos que atravessa Espanha...

...Espanha... repeti, escrevendo rápida-mente nos linguados.

...são difíceis...

...difíceis.

— Nada mais. Obrigado.

E fechou a porta com êsse ar digno tão próprio dum homem que sente sobre si o peso das responsabilidades anexas ao mundo.

Posso dizer oportunamente que à publicação desta entrevista deve aquele homem ilustre uma grande parte da sua fama de hoje. De quasi toda a nação, de Valencia, de Castela, de Catalunha, das Vascongadas, de Andaluzia, recebem cartas de felicitações. Um jornal afirmou que nunca se conhecera tão sintético estudo, tão acertado e tão terminante como aquele que o nosso homem fizera da Galiza, e que cérebros assim deviam figurar sempre à frente dos destinos públicos. Falou-se na escolha do seu nome para a Academia de História. Eu recebi, por meu lado, epístolas de diversas origens, nas que se me dizia:

«Já tínhamos referências acerca dos galegos análogas às que o insigne ex-ministro expôs na sua entrevista. Mas os seus brilhantes conceitos, tão cheios de sugestão, despertaram em mim a ânsia de conhecer aquelas terras. Como chegar até lá deve ser muito perigoso e incómodo, sou de opinião que deve você propor no seu jornal ao governo que envie um operador dum casa cinematográfica, convenientemente escoltado por um esquadrão da guarda civil, para que possamos, assim, saborear em filmes as excentricidades desse povo. Peço-lhe ao mesmo tempo o favor de me informar se é verdade que os galegos usam argolas no nariz.»

Com tudo isto cheguei à convicção de que, na realidade, as regiões não existem, e que aqui nos conhecemos todos e até nos estimamos, e que o único regime sensato, conveniente e plausível é o do centralismo.

(Exclusivo da «Ilustração».)

(\*) Boqueron — peixe dos mares da Espanha. Espécie de sardinha miudinha.

Entretanto era conduzido para o improvisado tablado a matéria prima da célebre sorte: o ataúde. Mas antes que o colocassem — Herbert armara à esquerda do pequeno palco um projector — primitivo aparelho luminoso, bisavô dos potentes ejacladores de jorras eléctricas que artificializam o luar nos grandes paços modernos. O projector de Bojerson era uma espécie de lanterna mágica, encimando um tripé e guarnecido por um biombo aparentemente provido apenas das molduras de madeiras. O discípulo do ilusionista manobrou as chaves da lanterna de acetilene que recheiava o projector e o foco que dele surdiu aureolou o ataúde dum clarão prateado.

Iniciou-se a sorte... Bojerson assassinado e guardado no ataúde; o lustre foi apagado — ficando a sala apenas iluminada por uns distantes e espaçados candelabros; o caixão transportou-se, e os espectadores, suggestionados numa emoção profunda, assistiram às metamorfoses da decomposição do corpo do ilusionista — as carnes a esverdearem-se; o corpo a descarnar-se; o esqueleto a surgir, desnudado e horrendo...

Era complexa a mecânica daquele número e exige do artista um continuo contorcionismo de *fregoli* que praticasse as mudanças de roupa, à vista do público e quasi sem se mover... A-pesar porém do enorme do enorme esforço que representava para ele essa sorte, Bojerson aproveitava todos os segundos economizados pela prestreza e pela agilidade — para vigiar o Marquês. E nesses curtos instantes furtados ao trabalho miniatural e quasi doloroso, de dentro da máquina que movia as transformações do atau-

de, via o Marquês, mais pálido do que todos os outros; mais atento para fora do tablado do que para o tablado; com o olhar mais pequente na observação da madrinha, do que na do ilusionista... Notando esta preocupação obsecada do onô da casa, deliciava-se o bom dinamarquês, saboreando antecipadamente o seu triunfo.

A sorte aproximou-se dos efeitos finais... Realizou o imprevista remate, a ressurreição do ilusionista, com o esqueleto vestido de carne e a carne vestida com a característica casaca, pulando para fora do esconderijo e homenageado por aplausos sinceramente furiosos. Conseguira, como sempre, um êxito em que a admiração era suplantada, pelo estonteamento do público, martirizado durante dez minutos por um espectá-

culo angustioso, dum realismo mortal e terminado por um imprevisto desconcertante...

...Mas logo que se apanhou fora da escravatura do trabalho, com o dever único de agradecer os aplausos, Bojerson só tinha uma preocupação: estudar melhor ainda o Marquês... Não o viu... Procurou-o por toda a sala, e não o encontrou. No curto espaço de tempo em que êle, transitava pelos alçapões, do ataúde para o saco mágico é que o perdera de vista, o dono da casa desaparecera... Em compensação erguia-se à sua frente pálido, trémulo de olhos esbugalhados, o rosto crispado numa evidente e inexprimível expansão de cólera — o jôvem e simpático dr. Oldimiro de Azevedo. A indignação do médico vencia toda a prudência; e apertando-lhe o pulso com violência, segredou-lhe uma meia voz que podia alcançar os ouvidos mais distantes:

— O senhor ou é um criminoso ou é um inconsciente!

Bojerson estava longe de esperar aquela apreciação ao seu trabalho. Impalideceu; e espicaçado pelo seu desmedido orgulho de artista, abafou todos os sentimentos de simpatia; esqueceu-se das suas próprias preocupações generosas — para repelir, com uma ligeira tensão de músculos, o facto do dr. Oldimiro — e responder-lhe igualmente agressivo:

— Que pretender o senhor doutor de dizer com êsses insultos?

— Ainda não há meia hora que o preveni que a vida da sr.<sup>a</sup> D. Leonor estava por um fio — explicou o médico, um pouco mais calmo. — Informei-o até que a menor allusão à morte, a menor comoção podia provocar-lhe uma paragem fatal do coração. E o senhor prevenido, informado por mim, escolheu o mais macabro, o mais impressionante, o mais perigoso número do seu repertório — aquele que, segundo o que eu lhe dissera parecia feito expressamente para dar cabo da pobre senhora!!! Que interesse tem em cometer êsse crime?

E novamente encolerizado, acrescentou:

— Pagaram-lhe para isso, não é verdade?

Mas Bojerson deixara de se melindrar com as acusações gravíssimas do dr. Oldimiro. Pelo contrário: reconquistara o seu sorriso, a sua bonhomia... E com grande surpresa do médico, deu-lhe o braço e em silêncio arrastou-o em direcção do corredor.

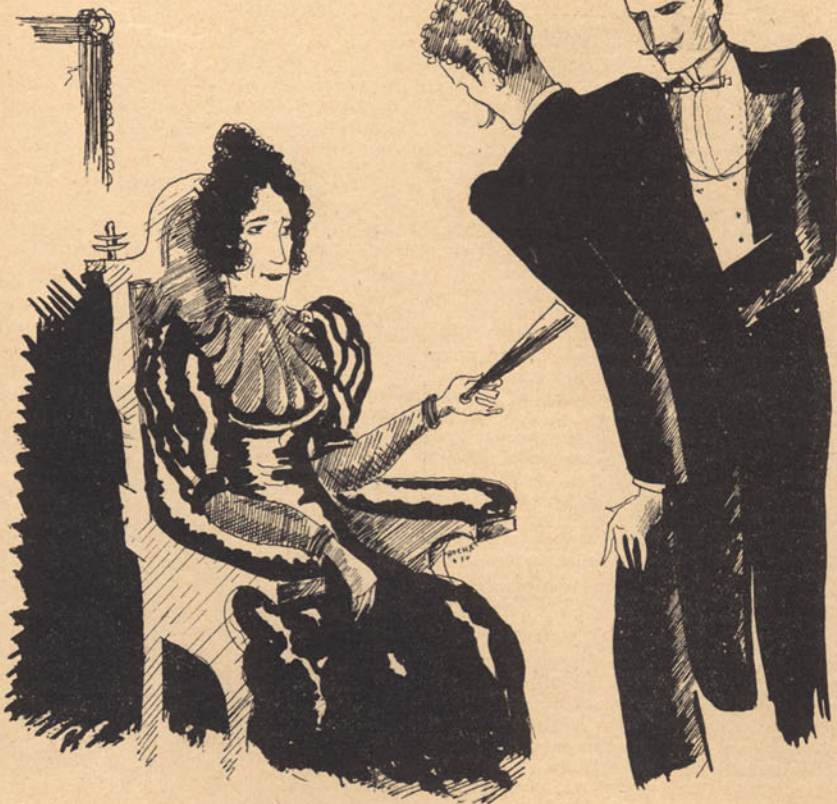
— Onde vamos? indagou o dr. Oldimiro, desconcertado...

# a estatua ôca

## EPISÓDIO INÉDITO DA ESTADA EM PORTUGAL DO ILUSIONISTA BOJERSON

(Continuação)

pelo REPORTER X



## CAPÍTULO VIII

## APÓS O ESPECTÁCULO

— *Pedirrei* a alguém que responda *porre* mim aos seus insultos, *senhorre doutorre*...

Os *rr* da última palavra tinham retinido frente ao cadeirão onde a pobre D. Leonor continuava como uma figura de cêra. O dinamarquês parou e fez parar o seu companheiro. O surgimento dos dois homens agitou a madrinha do marquês. Os olhos dilataram-se; um vermelhão tingiu-lhe as faces...

— Então, minha *senhorra*... — fez o ilusionista — assustou-se muito com este meu último *trabalho*?

Na forma do costume, a fala de D. Leonor só se torna perceptível após várias tímidas hesitações e falsos pigarros. Por fim, confessou...

— Gostei imenso... Imenso... Gostei sobretudo das danças das pombas sobre o fumo azul que saía do jarro japonês... É muito engraçado, realmente... Como conseguirá o senhor fazer com que aquele fakir desapareça dentro dum envólucro tão pequeno?!!

O dr. Oldemiro pasmara, não acreditando no que ouvia. Estaria louca — a sua doente? A que danças e a que pombas e jarros e fakires se referia ela? E sem poder conter-se interveiu:

— Mas... a sr.<sup>a</sup> D. Leonor esteve na sala?

— Não saí deste lugar...

— Viu todo o número — o último número do sr. Bojerson?

— Todo... Gostei muito!

— E... gostou muito... — repetiu o médico. E depois, aguilhoado pelo sorriso irônico do ilusionista:

— Mas não lhe causou a menor comoção?

D. Leonor teve um débil frouxo de riso — que lhe arrepanhava o seu rosto torturado, numa careta, e comentou:

— Mas... o que podia causar-me comoção no trabalho deste senhor?

— A scena do atáide... o esqueleto... o...

Não terminou. A madrinha do marquês soltou uma nova risada que parecia amarellecê-la mais ainda:

— Tem graça... Ainda não há dois minutos que o meu afilhado me dirigiu a mesma pergunta... Ou se tira que estão combinados... ou que eu sou cega... ou louca...

— ?

— Perguntou-me também se eu vira atáides, esqueletos, mortos...

— ?

— Não vi nada disso... Vi apenas pombas a dansarem em redor do fumo azul que saía dum jarro japonês — e um fakir que entrava e saía do mesmo jarro com a facilidade de quem entra e sai de sua casa...

O dr. Oldemiro coçou a barba emboçadamente. Bojerson alargou o seu sorriso; retomou-lhe o braço e reconduzindo-o ao corredor, murmurou-lhe apenas ao ouvido:

— Aprenda a *terre* confiança em mim, *senhorre doutorre*... Aprenda *porreque* *Borjerson* ainda lhe pode *serre* muito útil — a si... menina Celeste... e à *senhorra* Dona Leonorre...

O médico sentiu que o braço do ilusionista se desprendia do seu. Ergueu então a cabeça para lhe falar, para pedir-lhe perdão da sua injustiça; talvez até para suplicar o auxílio que lhe levemente lhe oferecia... Olhou em redor e pestanejou, numa nova surpresa. Borjerson desaparecera; e no fundo do corredor, o marquês, fitava-o com uma estranha expressão.

Bojerson recolhera ao quarto que lhe fôra destinado para se lavar e enxugar o suor — fruto legítimo daquele extenuante programa de ilusionismo. Os seus discípulos desmontavam o material e arrumavam-no nas caixas onde ele viera para o palácio... Dos salões vinha a harmonia duvidosa do «Brinde» da «Traviata» teclada ao piano por um dos convivas do marquês, amador musical especialmente inspirado naquele instante pelos repetidos licores que emborcara antes e durante a exibição do ilusionismo...

O dinamarquês não tardou em reaparecer, envergando o sobretudo, de gola erguida sobre o *cache-nez* de seda que defendia o pescoço e parte do rosto, escaldado pelo calor do salão e pelo esforço do trabalho. Reapareceu



discretamente, entre portas do quarto que abria para o corredor, mas não avançando sem primeiro se certificar que não era vigiado. Convencido que não o viam — dirigiu-se, pé ante pé, para a porta do salão junto à qual D. Leonor continuava aparafusada ao seu cadeirão.

— *Minha senhorra*... — murmurou êle, procurando ser apenas notado pela madrinha do marquês... Dona Leonor não olhe... Não é *preciso* olharre... E não se assuste... Escute-me apenas... *Querro* apenas *dizerre-lhe* uma cousa... Não olhe... Assim... Escusa seu afilhado de *saberre* nada... Está ouvindo? Pois bem... Tenha confiança em mim...

E tomando um hausto de ar rematou:

— *Jurro-lhe* que hei-de salvá-los a todos... A si, a sua filla e ao...

D. Leonor tentara obedecer ao ilusionista cuja voz escutava mas que não via... Ao ouvir, porém, as últimas sílabas teve um presentimento... A cabeça moveu-se, bruscamente: o peito arfava-lhe como numa ameaça de asfixia...

— Calma! Calma! — exigiu enérgicamente o ilusionista. Se lhe falo agora é para a

*socegarre* e não para a *inquietarre*... Hei-de salvá-los a todos... — e a *êle* também...

A agitação de D. Leonor não passara despercebida ao afilhado. O marquês de Mantelo, a-pesar da missão de vigilância que exercia sobre Celeste — que não afrouxara um só instante — mesmo quando se afastava — notara algo de estranho, de invulgar na atitude da madrinha. Segredou umas palavras a Celeste, palavras que, como sempre, tiveram o efeito duma rápida carícia de latego — e em duas Pernadas colocou-se junto a D. Leonor... O olhar da pobre senhora não podia florear ao sisudo com o do afilhado. Ao senti-lo à sua frente, perscrutando-a, abaixou o rosto e apressou a respiração, agitando-se mais ainda do que estava. O marquês, antes de a interrogar, inspecionara o corredor. Estava deserto... E contudo êle ia jurar que...

— Quem estava aqui agora mesmo? — indagou.

— Ninguém!

— Mente! Vocês andam brincando com o fogo mas eu...

La desfiar o rosário de impropérios a que a madrinha jámais se habituara a-pesar da frequência com que o escutava. E enquanto se esforçava por conter as lágrimas e defender, com um silêncio resignado, o segredo do que ouvira de Bojerson — êste entrava na sala pela outra porta do corredor, auto-escamoteando-se para que o marquês não o surpreendesse e a distância, acenou para Celeste para que esta lhe prestasse atenção e apurasse o ouvido:

— Menina Celeste... Não olhe para mim... Não é preciso — e podia ser notado pelo *senhorre marrequez*... Eu só *querro dizerre-lhe* que tenha confiança em mim... porque en hei-de salvá-los a todos... a sua mamã... a menina Celeste e a...

A pausa causara na filha o mesmo efeito de surpresa, misto de alarme, que provocara na mãe. Também ela pressentia o nome que o dinamarquês propositadamente calara. E êste presentimento picara-lhe a alma... Se era verdade que aquele estrangeiro ia pronunciar o nome que ela supunha — como chegara ao seu conhecimento a existência da pessoa a que êsse nome pertencia? E se Bojerson conhecia êsse temível segredo, máquina de tortura de velhice da mãe e da sua juventude — que uso daria êle a essa inverosímil descoberta? Seria prenúncio da libertação de todos, como o ilusionista prometia — ou, pelo contrário, representaria a ameaça de uma nova inquirição num futuro próximo?

Uma ânsia enorme de correr para Bojerson, de o segurar, de o interrogar, de o obrigar a ser franco, a dizer a verdade lhe refervia no peito; mas a terror do tirano que estava próximo e que não a perdia de vista, contendo-lhe a ímpeto, fazia com que essa ansiedade se espelhasse em côres berrantes nas faces e a sacudisse num nervosismo inquietante...

— Calma! Calma! — exigia Bojerson... — *Querro* salvá-los a todos — e aos *dois* também...

Aos *dois*? Este plural inesperado, intrigou mais ainda Celeste. E o que todos os outros sentimentos em balbúrdia não tinham conseguido — conseguira a sua curiosidade de mulher: franziu o sobrôlho; despreou tôdas as prudências; e fitando fixamente o estrangeiro, moveu repetidas vezes os ombros, desenhando quasi com êles no espaço sucessivos pontos de interrogação.



Assustou-se Bojerson com a temeridade de Celeste; e adivinhando que ela atraía de novo o padrinho, escapou-se de novo para o corredor, numa reviravolta de Mefistófeles — mas não antes de pronunciar dois nomes: — Os dois são Oldemiro... e Frederico de Alcântara...

Bojerson não se equivocara. O marquês, enquanto suplicia a pobre velha com o seu interrogatório ilirgado de insultos grosseiros, continuando na observação a Celeste — vira reproduzir-se na filha as agitações emocionadas que o fizeram abeirar-se da mãe; e desta vez, por serem repetidas, mais o alarmaram e o encerraram. Deixando na primeira sílaba uma ameaça com que ia fustigar o coração de D. Leonor — correu para o outro extremo da sala, onde Celeste se especara e de onde ouvira e respondera marconicamente a Bojerson...

— Com quem estavas falando? — inquiriu Mantelo, antes mesmo de se aproximar da jovem.

Celeste vira-o partir de junto da mãe; vira-o acerear-se-lhe no convencimento que fóra descoberta e que a sua situação, já tão densa aquela noite, se agravara com a sua imprudência. Mas tanto a impressionara as palavras do ilusionista que mais temia que o marquês o visse a êle do que a torturasse. E por isso deixou escapar um olhar aflitivo para o corredor — logo seguido pelo marquês que para o corredor se voltara — no preciso momento em que surgia o dr. Oldemiro...

...Bojerson, na sua reviravolta mefistófica, chocara com o médico — e logo uma ideia digna da sua inventiva de prestidigitador, o assaltara e o fizera aproveitar o encontro em serviço dos seus projectos. Para o conseguir afastara-se e num rápido movimento, aproximara-se de novo, impelindo Oldemiro pelos rins e atirando-o para entre-

portas da sala... O médico no atontamento em que êle o deixara, já difficilmente se surpreenderia de qualquer atitude do dinamarquês. Contudo atribuiu aquela semi-violência ao facto do outro ter escorregado na alcatifa, segurando-se a êle, para não cair. E esta hipótese foi fortalecida pelo *mille perredões* que Bojerson pronunciara imediatamente — sorrindo por ter evitado que as suspeitas do marquês caíssem sobre êle que precisava da confiança do dono da casa para poder agir livremente.

La o dr. Oldemiro responder aos *«mille perredões»* do ilusionista, voltando-se, quando surpreendeu o olhar aflitivo de Celeste e a atitude agressiva do marquês. Para êste, ao deparar-se-lhe, entre portas do corredor, o jovem médico, tinham terminado tôdas as dúvidas: era para Oldemiro que Celeste dirigia aquelas gatinhanhas que vira ao longe, como de Oldemiro tinham vindo, de certo, as palavras que tanto haviam impressionado D. Leonor... E no azedume em que já se encontrava; no ódio que a insistência daquele homem junto da madrinha e de Celeste lhe causava — o marquês perdera a noção de tôdas as conveniências e até da própria prudência. Chamejando cólera pelas pupilas tôrvas e dilatadas, de narinas frementes, os punhos cerrados e ameaçadores — avançou para o médico, que o ficou aguardando, extático, anteveendo a scena que há muito temia e cuja irremediabilidade previra também desde há muito. Sabia que o marquês era homem capaz de tudo: sabia de que força eram os amigos que enchiam a casa naquela noite... Lógico era, pois, que se moldasse no espírito a ideia de uma agressão de que não se pudesse defender, que ficasse para sempre abafada. No silêncio de todos, até do seu próprio silêncio, porque os mortos não podem acusar os seus algozes. Em luta leal não

teria medo daquele hercules. Mas ali, naquele palácio cuja fama se alastrava pelo bairro, tudo podia esperar. E se temia a morte não era por êle; era por aquelas duas mulheres de que se julgava o único protector...



Contudo não pestanejou nem se moveu nos longos segundos que o marquês levou de Celeste até êle; e quando sentiu o seu hálito queimar-lhe as faces e se preparava para responder à provocação que vinha borbulhando já nos seus lábios, ouviu, atrás de si, o ranger de uma porta que se abre e uma voz sua conhecida pronunciar uma ruidosa saudação.

A carranca do marquês transformara-se num sorriso forçadíssimo. Voltou então rapidamente a cabeça. A porta do quarto onde Bojerson se fóra arranjar ficava quasi em frente da que abria para a sala. A meio do corredor e entre as duas portas encontrava-se êle, Oldemiro. Um minuto antes, Bojerson, ao simular a escorregadela na alcatifa, dirigia-se para o extremo do corredor. Como podia apparecer-lhe agora por aqueloutra porta, acertando o *cache-nez* e a *toilette* de saída? Contudo, devia à presença do ilusionista o evitar-se a scena irremediável entre êle e o marquês...

— Estou fatigadíssimo, *senhorre marquês* e se me dá licença, *retirro-me*...

— Pois não, sr. Bojerson...

— E gostou do meu programa?

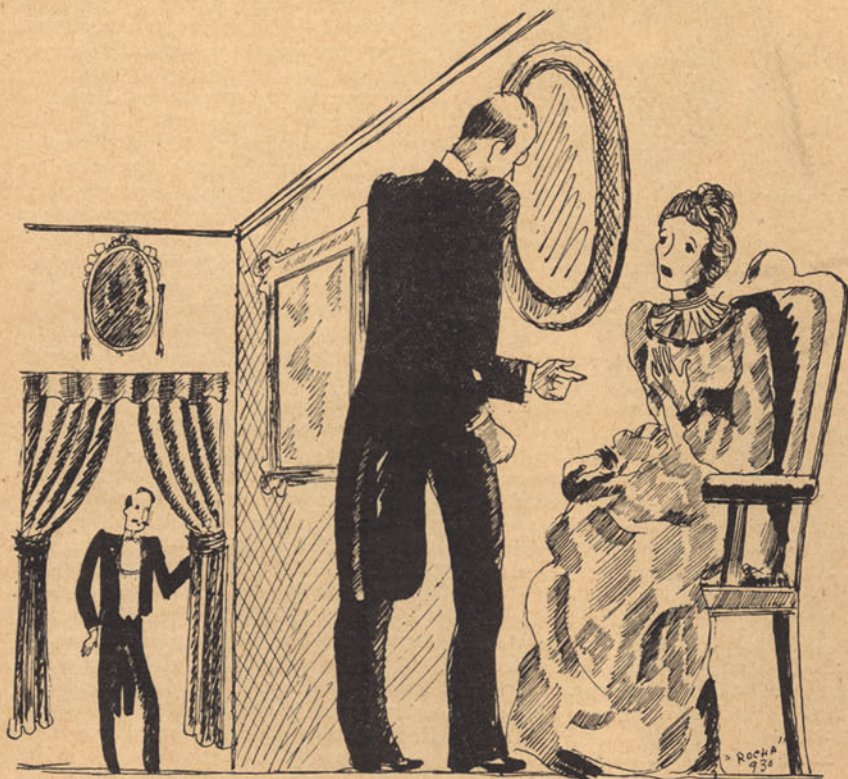
— Muito... como sempre! Mas...

Calou-se. Havia algo que intrigava o dono da casa; que lhe fazia esquecer o médico — mas que não ousava dizer... O dinamarquês, fingindo não ter reparado naquele *mas*, prosseguiu:

— Fiz-lhe a vontade, *senhorre marquês*... Fiz-lhe o *Esquife do Thibet*...

— Muito agradecido, sr. Bojerson... É um successo admirável — o melhor do seu repertório... Mas...

Bojerson ia a saltar por cima daquele se-



gundo *mas* — mas desta vez não o consentiu o outro :

— Mas... sabe o que me estranha ?

— Diga, *senhorre*...

— É que minha madrinha, a quem tanto eu tinha elogiado esse número, declarou-me que nada vira... ou por outra : que vira um número absolutamente diferente daquele que nós assistimos. E é tão singular esta declaração da pobre senhora que me intranquilizou... Chego a temer que a doença comece a atacar-lhe as faculdades mentais...

— Oh! Não! Não *intranquelize* a sua *boussima alma, senhorre*... — retorquiu o dinamarquês, gargalhando com tal desprante que fez franzir o sobrolho do marquês. A pobre senhora viu coisas *molto* diferentes — porque eu tive medo que aquele número com caixões, mortos e esqueletos lhe fizesse mal ao coração... Enquanto representava para os senhores a sorte do *Esquife do Thibet*, o meu ajudante Herbert, que é também um grande ilusionista, realizava só para a sr.<sup>a</sup> D. Leonor uma sorte *molto* inocente com pombinhas que apareciam entre nuvens de incenso e que ocultava o ataúde e tudo quanto eu fazia no tablado...

A expressão do marquês ia-se modificando num desconsólo tão transparente que chegava a assemelhar-se a uma caricatura de si próprio. E quando Bojerson afirmou que D. Leonor nada vira porque elle não quizera, os braços penderam-lhe, como os de um vencido, ao longo do corpo, e a boca entreabriu-se papalvamente.

— Ah! Eu sou *sempre molto prudente*... — prosseguiu Bojerson. — Eu sabia que o número do *Esquife do Thibet* podia ser fatal à *senhorra sua maderrinha* e por isso evitei que ela o visse... As *comoeções* fazem muito mal a quem tem doenças do coração...

— E quem lhe disse, sr. Bojerson, que minha madrinha padecia do coração e não podia

sofrer *comoeções*? — quiz saber o marquês, numa brusca suspeita.

— Foi *o senhorre doutorre Oldimirro de Azevedo!* — esclareceu o ilusionista, com uma vaga ironia e apontando o médico...

— Ah! Foi o doutor...

De novo o ódio do marquês contra o médico se acendera num brazido de cólera que lhe afogueara as faces e fazia scintilar as pupilas. No seu olhar prepassavam ameaças tremendas — que não passaram despercebidas ao dinamarquês.

— Boas noites, *senhorre marrequês*...

E voltando-se para o médico :

— O *senhorre doutorre* sempre *querre fazerre* o favor de *passarre* pelo meu hotel para *verre* o meu ajudante que ficou doente? Nesse caso *tereí molta honrra* em *acompanharre* o *senhorre doutorre*.

Oldemiro aproveitou imediatamente o pretexto para se esquivar da scena inevitável com o marquês, estranhando que fôsse Bojerson, que elle julgava na ignorância de tudo, quem lho oferecesse ; e sem aleançar as razões porque o ilusionista intervinha na sua intriga — e com tanta oportunidade — acedeu :

— Está bem. Acompanhá-lo-hei a ver o seu ajudante...

O marquês respirou fundo e enterrou as mãos nos bolsos das calças na necessidade imperiosa de distender os braços... Por um pouco que não estovira as costuras — tal a força com que carregou os punhos fechados. Conteve-se — mas com que esforço! Com que sacrificio! Ah! Aquelle médico com ares de galã romântico havia de pagar-lhe caro o desassossego que trouxera aos bastidores da sua existência... Quantos fracassos não lhe tinha causado já! A elle devia que todo o plano daquela noite, um plano tão inteligentemente urdido, tivesse resultado uma multidão absoluta. Se não fôsse elle prevenir Bo-

jerson — o número do *Esquife do Thibet* teria acertado no seu objectivo... Ah! Mas ninguém perdia com a demora! Bojerson havia de repetir o seu macabro espectáculo — e com assistência de D. Leonor — ou elle não fôsse o marquês de Montelo!

CAPÍTULO IX

MEIA VOLTA... VOLVER!

Saíram do Palácio do Marquês em silêncio. O jóvem médico não encontrava a formula de interrogar o ilusionista — e este não se encontrava disposto a confidências. A madrugada espirava — mas o céu derramava sôbre o casario as anelinas azuis que o tingiam e que pareciam colorir a própria prata refulgente das estrélas.

Desceram a rua e no momento em que Oldemiro ia a dobrar a esquina notou que Bojerson estacara! Atribuindo a paragem ao facto d'ele acertar o *cachenez* de sêda e aconchegar melhor a gola erguida do sobretudo — estacionou também, sem impaciência... Porém, ao ver que o ilusionista, mudando de passeio, recomeçava lentamente a ascensão da calçada, franziu o sobrolho e perguntou se tódas as inexplicáveis atitudes do artista para com elle, naquela noite, seriam alardes de excentricidade ou sintomas de desequilibrio mental. Ia voltar as costas ao dinamarquês e prosseguir sósinho e enfadado, quando o outro o chamou com um aceno.

— *Perdône-me doutorre... É preciso... É mesmo molto preciso*...

Não explicou o que era *molto preciso* nem o que significava aquelle arrearpi de caminho — mas, sem saber porquê, sentia-se suggestionado, numa confiança sub-consciente, por aquelle homem... Seguiu-o a certa distância. Bojerson, andando sempre, no seu passito dançado, ladeou o palácio e foi empastar-se na sombra da primeira rua transversal; e como o médico, que o perdera, o buscasse com o olhar, chamou-o, com voz abafada:

— *Doutorre... venha parra aqui!*

— Mas que quer isto dizer, Bojerson?...

A única resposta foi um sorriso mui artificial, um sorriso de palco... Instantes depois abria-se o portão do palácio — e safa, em algazarra quasi escandalosa, um grupo de convidados... Mal elles se afastaram — o dinamarquês segredou:

— Ainda não! Faltam cinco! *Queirra esferrar mais um pocachinho*...

A pesar de tódas as suas preocupações — o médico estava a sequiar-se de curiosidade... Rodaram alguns minutos — e de novo o portão se abriu à passagem doutro grupo ruidoso e folgasão:

— Três... quatro... cinco... — contou Bojerson por entre os lábios. *Lá está!*

*Iá estava* — mas elle não se movia; ou se se movia era apenas para espreitar as janelas do primeiro andar, que não tardaram a apagar-se... Oldemiro preparava-se para desistir — farto do que elle começava a supor excesso de madureza do ilusionista — quando através do mudismo coagulado da madrugada principiava a filtrar-se um vago ruído de vozes... No início difficilmente se apercebia; mas apurando o ouvido esse ruído definia-se: era uma discussão, crescendo de volume e entrecortada pelo choro duma mulher...

(Continua).





# Passatempo

A CÔRÇA ESCONDIDA

ESTAVA EXPLICADO

AINDA OS FÓSFOROS

(Passatempo)

(Solução)

Recortando estes pedaços pretos e ajustando-os de certa maneira, formar-se há com eles a figura de uma côrça. O animal não é constituído com os bocados pretos, pro-

*Ele*:— Não posso exprimir-lhe a minha gratidão pela sua bondade em ter dançado ontem comigo duas vezes.

*Ela*:— Bem vê, era um baile de caridade.

Na gravura as linhas ponteadas indicam os seis fósforos que se levantaram. As linhas



priamente; mas se o passatempo fôr resolvido com acêrto, vêr-se há a côrça aparecendo desenhada em branco, ao centro.

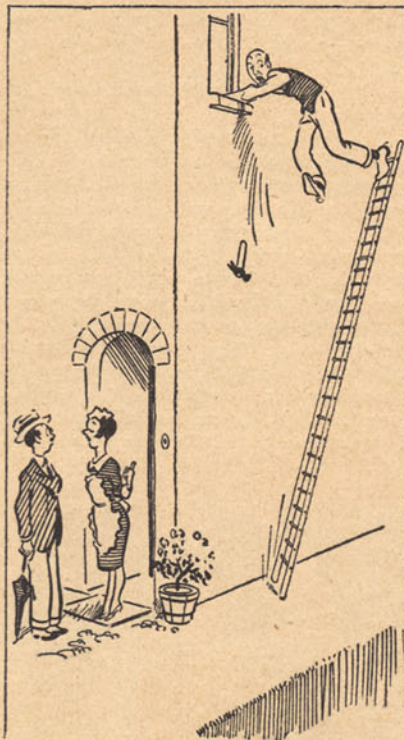


Numa estação de caminho de ferro.

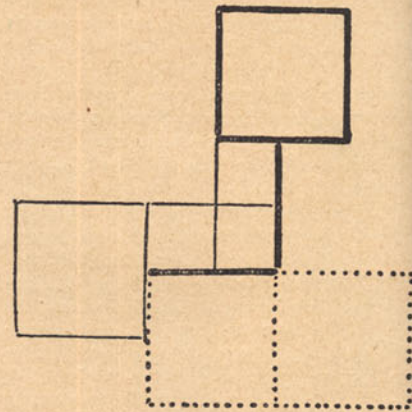
*Senhora de idade*:— Senhor guarda, espero que não haja nenhum abalroamento.

*O empregado de caminho de ferro*:— Ah! não tenha receio, minha senhora.

*A senhora*:— Eu quero que tenha todo o cuidado, sim? Levo aqui duas dúzias de ovos neste cestinho.



*A visita*:— O sr. Oliveira está em casa?  
*A criada*:— Olhe, neste momento, nem está, nem deixa de estar...



finas mostram onde eles se tornaram a colocar, e as linhas grossas indicam os seis que não saíram do seu lugar.



*O Pedrinho (com cinco annos, na confeitaria)*:— Quantos rebuçados daqueles posso ter por um tostão?

*O caixeiro*:— Uns quatro ou cinco.

*O Pedrinho*:— Dê-me cinco, faz favor.



TINHA RAZÃO



Este par não está sósinho com o cão. Há um outro par, e já agora vejam se encontram também o outro remo

Conta-se a história de um jurado que uma vez enganou um juiz e sem precisar dizer mentira nenhuma. Entrou, ofegante no tribunal.

— Oh! senhor Juiz, se é possível, queira dispensar-me, sim? Não sei qual das duas morrerá primeiro, minha mulher ou minha filha.

— Credo, isso é um caso bem triste— disse o ingénuo juiz;— ora essa, está dispensado.

No dia seguinte o mesmo jurado encontrou um amigo, o qual, com todo o interesse, lhe perguntou:

— Como está tua mulher?

— Está bem, muito obrigado.

— E a tua filha?

— Também está bem. Porque te mostras tão admirado?

— Então, ontem disseste que não sabias qual das duas morreria primeiro!

— E não sei. Isso é um problema que só o tempo pode resolver.

## O ALCAZAR DE SEGOVIA

O Alcazar com seus torreões guarnecidos de enfiadas de pérolas, as suas janelas rasgadas sobre abismos, as suas paredes ornadas de lindos arabescos...

ANTÓNIO ZOZAYA.

O Alcazar de Segovia é um alarde de esbelteza de elegância de uma linha pura e belíssima... Estas mesmas qualidades fazem do *Lincoln* o carro selecto e aristocrático por excelência.

*Lincoln* quer dizer distinção, estética, beleza, refinamento...

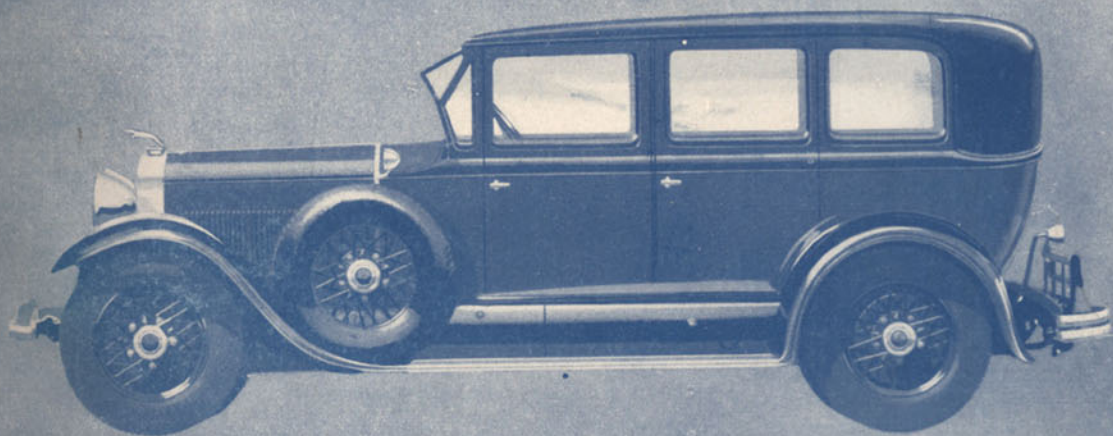
Possuir um *Lincoln* é a mais eloquente demonstração de gosto e alta posição social.

# LINCOLN

Ford

COCHES Y  
CAMIONES  
Fordson  
TRACTORES

Ford Motor Ibérico  
BARCELONA



ANIBAL  
TEJADA

ROLDÓ-TIROLENS S.A.



---

para  
evitar  
a detonação



738

a experiencia recomenda

# Auto- Gazo

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

*Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil*

---